

BOLETIM AGROPECUÁRIO

Dezembro/2018 – Nº 67



Empresa de Pesquisa Agropecuária
e Extensão Rural de Santa Catarina

CEPA

Centro de Socioeconomia
e Planejamento Agrícola



**GOVERNO
DE SANTA
CATARINA**

Secretaria de Agricultura
e Pecuária



Governador do Estado
Eduardo Pinho Moreira

Secretário de Estado da Agricultura e da Pesca
Airton Spies

Presidente da Epagri
Luiz Ademir Hessmann

Diretores

Ivan Luiz Zilli Bacic
Desenvolvimento Institucional

Giovani Canola Teixeira
Administração e Finanças

Luiz Antônio Palladini
Ciência, Tecnologia e Inovação

Paulo Roberto Lisboa Arruda
Extensão Rural

Gerente do Centro de Socioeconomia e Planejamento Agrícola (Cepa)
Reny Dorow



Boletim Agropecuário

Autores desta edição

Alexandre Luís Giehl
Glaucia de Almeida Padrão
Haroldo Tavares Elias
João Rogério Alves
Jurandi Teodoro Gugel
Rogério Goulart Junior
Tabajara Marcondes



Florianópolis

2018

Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina (Epagri)

Rodovia Admar Gonzaga, 1347, Itacorubi, Caixa Postal 502

88034-901 Florianópolis, SC, Brasil

Fone: (48) 3665-5000

Site: www.epagri.sc.gov.br

E-mail: epagri@epagri.sc.gov.br

Centro de Socioeconomia e Planejamento Agrícola (Cepa)

Rodovia Admar Gonzaga, 1486, Itacorubi

88034-901 Florianópolis, SC, Brasil

Fone: (48) 3665-5078

Site: <http://cepa.epagri.sc.gov.br/>

E-mail: online@epagri.sc.gov.br

Coordenação

Tabajara Marcondes – Epagri/Cepa

Elaboração

Alexandre Luís Giehl – Epagri/Cepa

Glaucia de Almeida Padrão – Epagri/Cepa

João Rogério Alves – Epagri/Cepa

Haroldo Tavares Elias – Epagri/Cepa

Jurandi Teodoro Gugel – Epagri/Cepa

Luis Augusto Araújo – Epagri/Cepa

Rogério Goulart Júnior – Epagri/Cepa

Tabajara Marcondes – Epagri/Cepa

Colaboração:

Andressa Mariani Bee – Caçador (UGT 10)

Bruna Parente Porto – Florianópolis (UGT 7)

Cleverson Buratto – Tubarão (UGT 8)

Édila Gonçalves Botelho – Epagri/Cepa

Elvys Taffarel – São Miguel do Oeste (UGT 9)

Evandro Uberdan Anater – Joaçaba (UGT 2)

Getúlio Tadeu Tonet – Canoinhas (UGT 4)

Gilberto Luiz Curti – Chapecó (UGT 1)

Janice Maria Waintuch Reiter – Epagri/Cepa

João Claudio Zanatta – Lages (UGT 3)

Léo Teobaldo Kroth – Epagri/Cepa

Márcia Mondardo – Epagri/Cepa

Maurício E. Mafra – Ceasa/SC

Nilsa Luzzi – Jaraguá do Sul (UGT 6)

Saturnino Claudino dos Santos – Rio do Sul (UGT 5)

Sidaura Lessa Graciosa – Epagri/Cepa

Editado pelo Centro de Socioeconomia e Planejamento Agrícola (Epagri/Cepa)

É permitida a reprodução parcial deste trabalho desde que citada a fonte.

APRESENTAÇÃO

O Centro de Socioeconomia e Planejamento Agrícola (Epagri/Cepa), unidade de pesquisa da Epagri, tem a satisfação de disponibilizar o Boletim Agropecuário on-line. Ele reúne as informações conjunturais de alguns dos principais produtos agropecuários do estado de Santa Catarina.

O objetivo deste documento é apresentar, de forma sucinta, as principais informações conjunturais referentes ao desenvolvimento das safras, da produção e dos mercados para os produtos selecionados. Para isso, o Boletim Agropecuário contém informações referentes à última quinzena ou aos últimos 30 dias. Em casos esporádicos, a publicação poderá conter séries mais longas e análises de eventos específicos. Além das informações por produto, eventualmente poderão ser divulgados neste documento textos com análises conjunturais que se façam pertinentes e oportunas, chamando a atenção para aspectos não especificamente voltados ao mercado.

O Boletim Agropecuário pretende ser uma ferramenta para que o produtor rural possa vislumbrar melhores oportunidades de negócios. Visa, também, fortalecer sua relação com o mercado agropecuário por meio do aumento da competitividade da agricultura catarinense.

Esta publicação está disponível em arquivo eletrônico no site da Epagri/Cepa, <http://www.cepa.epagri.sc.gov.br/>. Podem ser resgatadas também as edições anteriores.

Luiz Ademir Hessmann

Presidente da Epagri

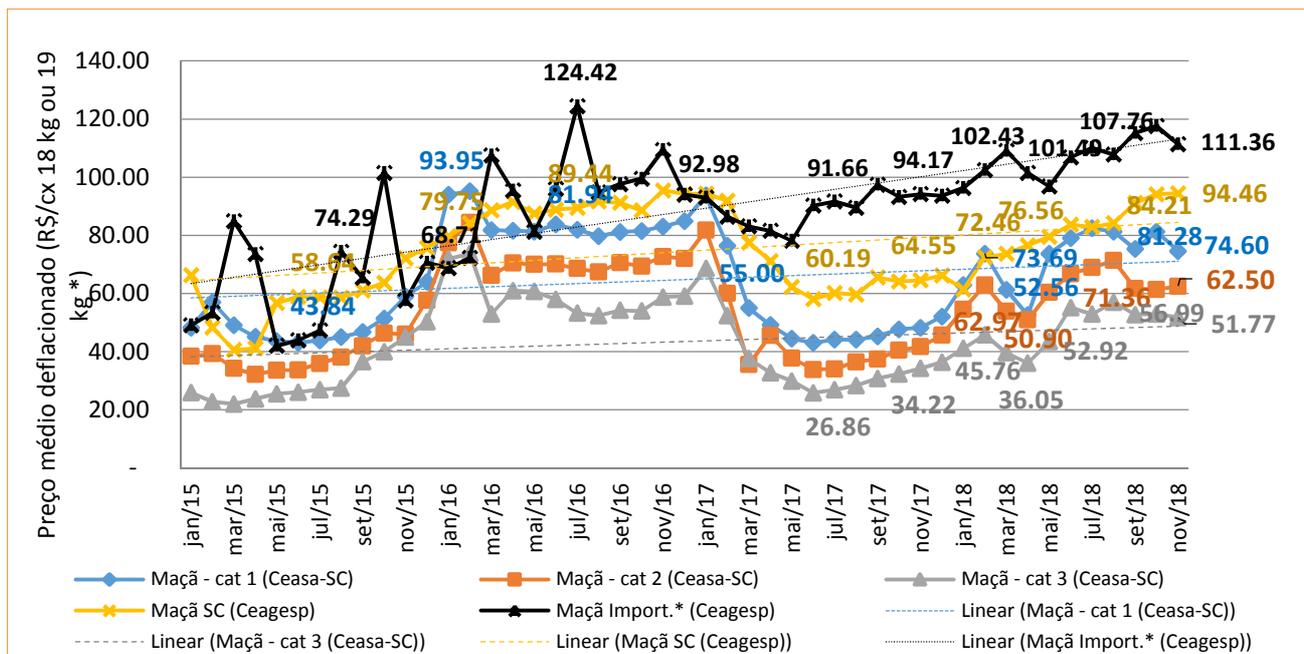
Sumário

Fruticultura	7
Maçã	7
Grãos	10
Arroz	10
Feijão	14
Milho.....	16
Soja	19
Trigo.....	22
Hortaliças	25
Alho.....	25
Cebola	28
Pecuária	30
Avicultura.....	30
Bovinocultura	35
Suinocultura.....	39
Leite	45

Fruticultura

Maçã

Rogério Goulart Junior
Economista, Dr. - Epagri/Cepa
rogeriojunior@epagri.sc.gov.br



(*)Cat. 1, 2 e 3 = classificação vegetal para maçã referente à Instrução Normativa n.5 de 2006 do MAPA.

Nota: preço deflacionado pelo IGP-DI (nov/18=100)

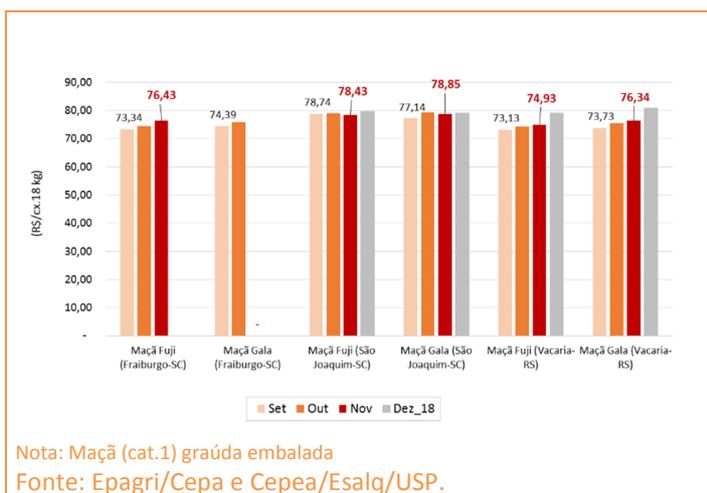
Fonte: Epagri/Cepa e Ceagesp.

Maçã - Evolução do preço médio mensal no atacado

Entre outubro e setembro de 2018 a oferta de maçã Gala diminuiu com o final do estoque nas classificadoras e o preço valoriza em 2,3% para as frutas ainda comercializadas. Enquanto aumenta a oferta do estoque da maçã Fuji de maior calibre valorizam as cotações em 3,3% entre os dois meses. Já entre outubro e novembro a estratégia é o aumento da oferta para escoar os estoques de maçã Fuji e Gala, com desvalorização de 3,6% e 1,0% nas cotações, respectivamente.

Na Ceasa/SC, no comparativo entre outubro de 2018 e de 2017, o preço médio da maçã categoria 1 estava valorizado em 70,4%. Por sua vez, a fruta classificada como cat. 3 apresentava apenas 65% do valor médio da cat. 1. Em novembro de 2018, com a estratégia de redução de estoque de frutas da safra 2017/18, houve redução de 8,2% no preço das maçãs cat. 1, com diminuição de 54,6% nas cotações em relação à 2017.

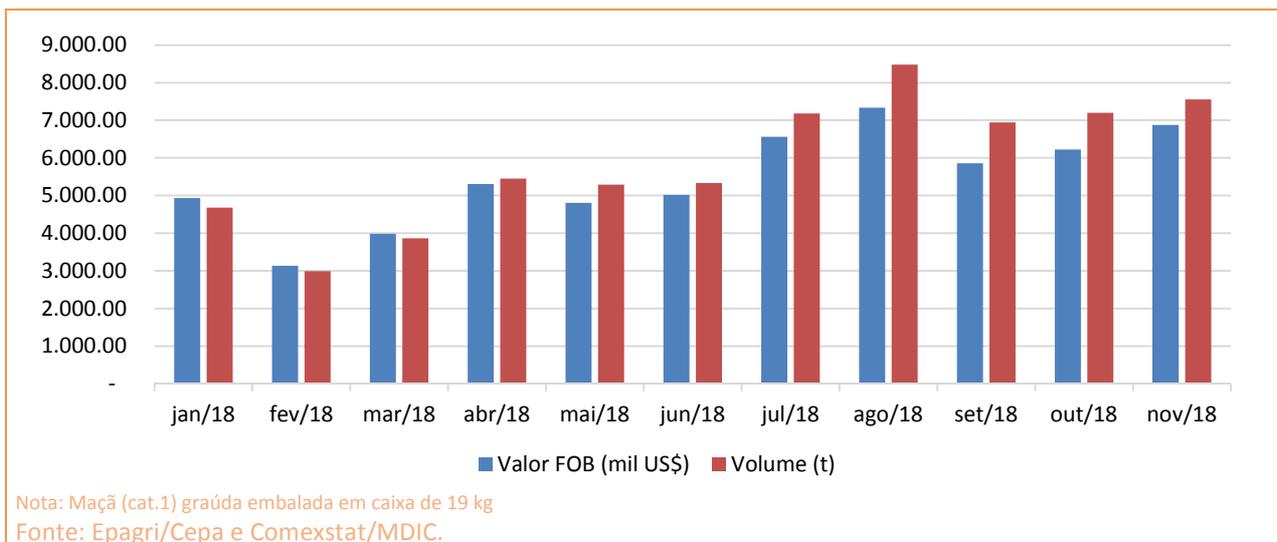
Na Ceagesp, entre outubro e setembro de 2018 a maçã catarinense manteve aumento, com valorização de 3,3% nos preços, devido a comercialização de maçãs estocadas (AC) de calibres maiores que a média da safra 2017/18. Em comparação aos preços no mês de novembro, houve recuperação da cotação no atacado, com valorização de 27% acima do preço da maçã catarinense comercializada na central paulistana no mesmo mês do ano anterior. Entre outubro e novembro de 2018 houve manutenção nas cotações da fruta catarinense no atacado.



Maçã – Preço médio ao produtor nas praças de SC e RS

Em Fraiburgo, no mês de novembro houve valorização de 2,7% nas cotações da maçã Fuji. A plena florada ocorreu em outubro, determinando colheita no final de janeiro. Com o atraso na quebra da dormência, a frutificação se estendeu até novembro. As maçãs precoces devem ser colhidas no final de dezembro e início de janeiro de 2019. Nos pomares, o raleio das macieiras já está sendo finalizado na região.

Em São Joaquim, houve maior desvalorização da maçã Fuji e Gala embalada entre outubro e novembro de 2018, como forma de escoar estoque da safra anterior nas classificadoras. A plena florada ocorreu no início de novembro, com frutificação no final de novembro e início de dezembro. Com noite frias e dias quentes, a expectativa dos produtores é melhor coloração da fruta que a da safra anterior, além de aumento nos calibres entre 120 a 135 para a safra 2018/19.



Maçã – Valor e volume importado – jan. a nov. 2018

Em 2018, as importações brasileiras de maçãs somam US\$ 60,0 milhões (FOB), entre janeiro e novembro, sendo 9% menores que as de 2017. No primeiro semestre de 2018, os valores negociados foram 19% menores que os do ano anterior. De julho até novembro, os valores estão 1,4% maiores que os de 2017, no mesmo período.

O volume importado da fruta, até novembro, foi de 64,9 mil toneladas, 6,3% menor que o comercializado em 2017. No primeiro semestre, houve redução de 23,3% na quantidade importada. No segundo semestre, o volume está 12% maior que o do ano anterior, com expectativa de aumento em dezembro de 2018.

Maçã: Santa Catarina – Comparativo entre as estimativas inicial e atual de 2017/18

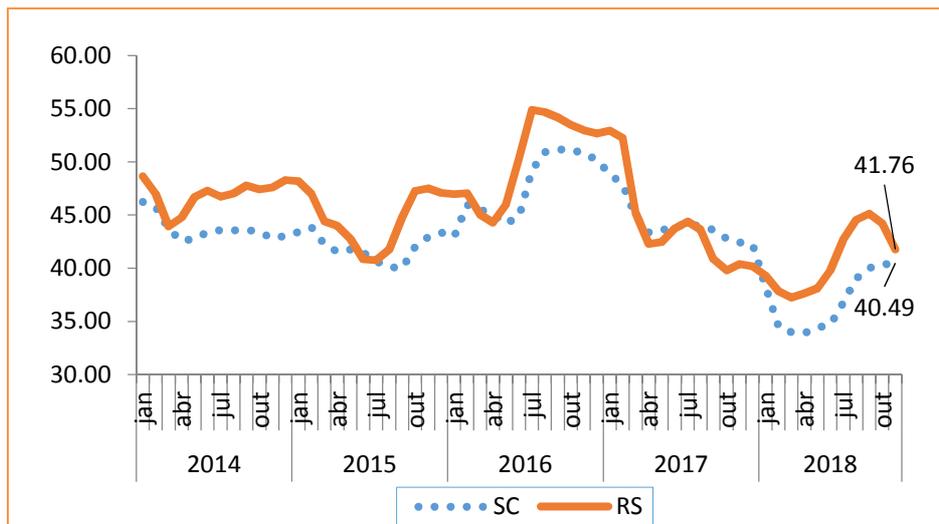
MRG	Estimativa inicial Safrá 2017/18			Estimativa atual Safrá 2017/18			Variação (%)		
	Área colhida (ha)	Produção (t)	Produtividade média (kg ha ⁻¹)	Área colhida (ha)	Produção (t)	Produtividade média (kg ha ⁻¹)	Área Colhida	Produção	Produtividade média
Joaçaba	3.040	107.854	35.478	3.040	116.655	38.373	0,00%	8,16%	8,16%
Canoinhas	140	3.646	26.046	138	3.646	26.420	-1,43%	0,00%	1,44%
Curitibanos	995	33.288	33.455	995	36.004	36.185	0,00%	8,16%	8,16%
C.de Lages	11.972	468.739	39.153	11.972	466.866	38.996	0,00%	-0,40%	-0,40%
Outras	4	30	7.500	4	30	7.500	0,00%	0,00%	0,00%
Total	16.151	613.557	37.989	16.145	623.171	38.598	-0,04%	1,57%	1,60%

Fonte: Epagri/Cepa (nov. 2018)

Grãos

Arroz

Gláucia de Almeida Padrão
Economista, Dr^a. – Epagri/Cepa
glauciapadrao@epagri.sc.gov.br



Fonte: Epagri/Cepa e Cepea (RS).

Arroz irrigado – Evolução do preço médio real mensal ao produtor – Santa Catarina e Rio Grande do Sul (Jan./2014 a Nov./2018) – R\$/sc 50kg

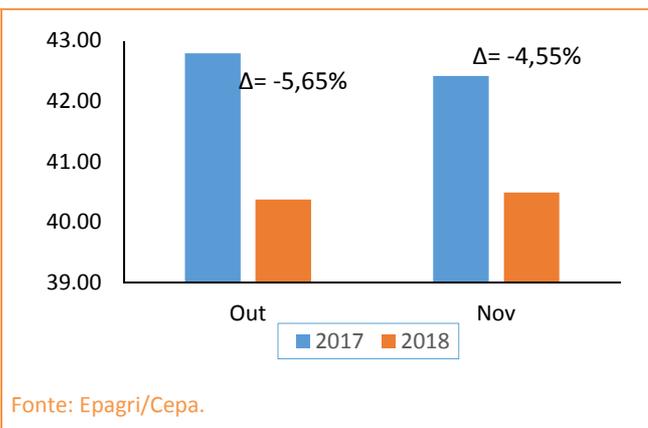
O preço do arroz catarinense continuou trajetória de crescimento no mês de novembro. Na média do estado, o preço pago ao produtor fechou em R\$ 40,49, cerca de 0,3% superior ao preço do mês anterior. Ao contrário de Santa Catarina, o preço do arroz gaúcho apresentou queda sucessiva, fechando em R\$ 41,76. Esse valor é cerca de 5,6% menor se comparado ao mês anterior. Embora o preço catarinense siga valorizando, o comparativo

da média de novembro com preços de 2017 no mesmo mês mostra preços 4,55% menores em 2018, em termos reais. Esse mesmo raciocínio feito para anos anteriores também apresenta preços bem inferiores desde 2009.



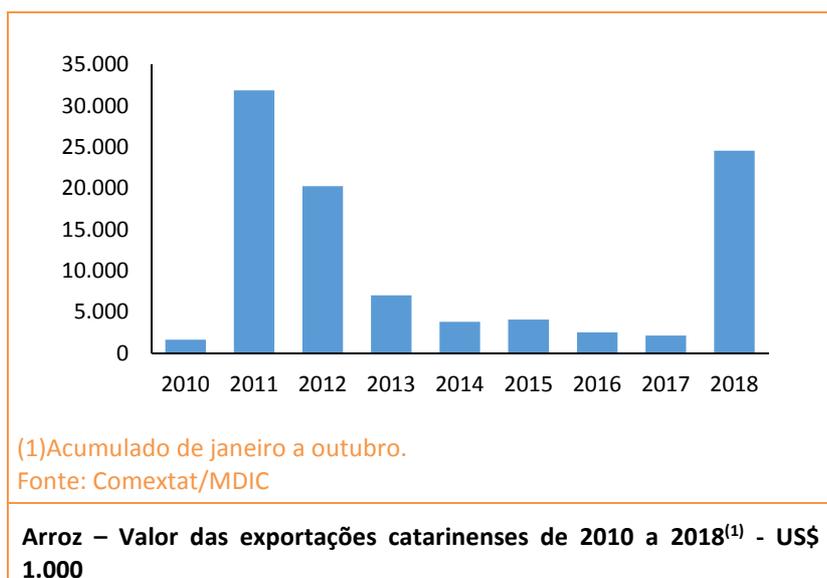
Fonte: Epagri/Cepa.

Arroz em casca: Santa Catarina – Preço médio real no mês de novembro, 2009 a 2018



Fonte: Epagri/Cepa.

Arroz em casca: Santa Catarina – comparativo preços reais ao produtores meses de outubro e novembro de 2017 e 2018

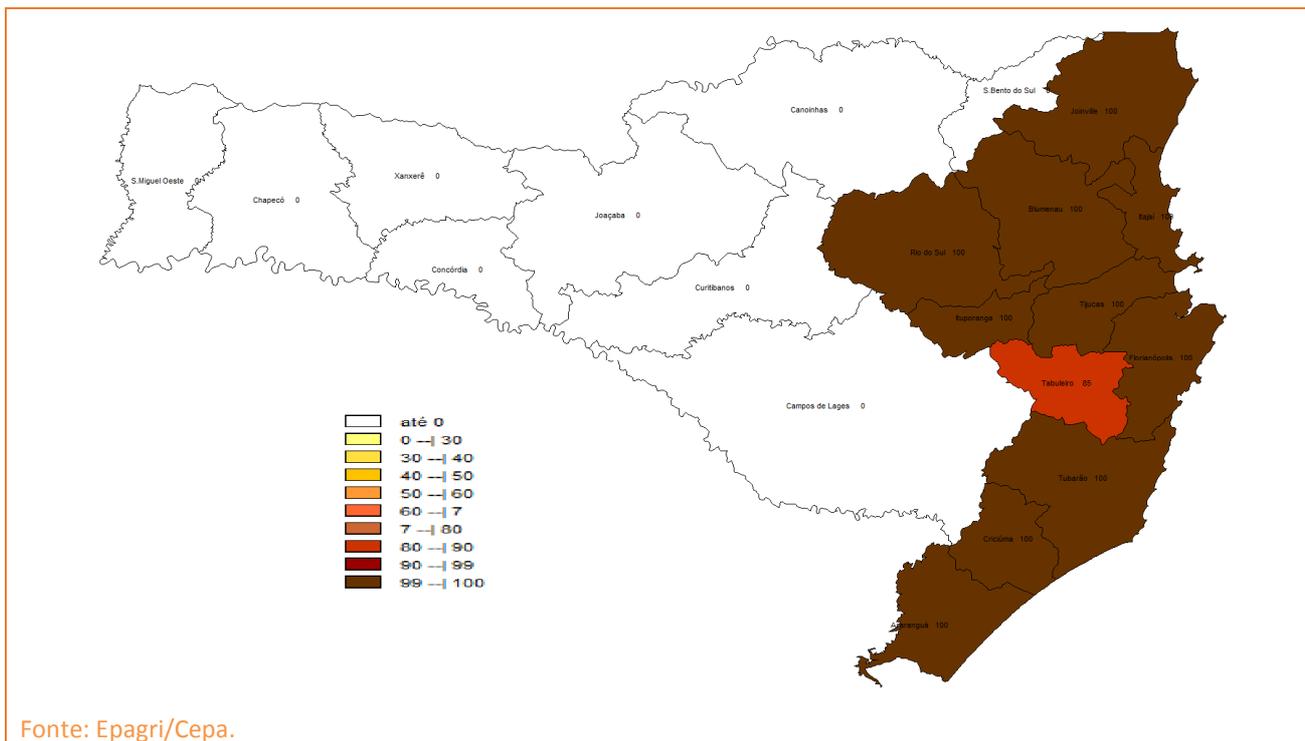


As exportações catarinenses de arroz de janeiro a novembro de 2018 somaram US\$ 24,6 milhões. Esse valor equivale a 83,64 mil toneladas, exportadas principalmente para a Venezuela, que importou 88% do volume total. Entre as causas desse valor expressivo está a crise vivida pela Venezuela, que fez com que houvesse uma forte procura pelo arroz brasileiro, em razão das sanções impostas pelos EUA. Além da Venezuela, ainda se mantiveram como importantes parceiros comerciais a África do Sul e Trinidad e Tobago.

Arroz Irrigado: Santa Catarina – Comparativo safra 2017/18 e safra 2018/19									
Microrregião	Safra 2017/18			Safra 2018/19 – Estimativa Atual			Variação (%)		
	Área (ha)	Quant. prod. (t)	Rend. médio (kg/ha)	Área (ha)	Quant. prod. (t)	Rend. médio (kg/ha)	Área plant.	Quant. prod.	Rend. Médio
Araranguá	51.530	404.001	7.840	51.530	404.005	7.840	0,00	0,00	0,00
Blumenau	8.356	67.345	8.059	8.222	65.851	8.009	-1,60	-2,22	-0,63
Criciúma	20.857	162.944	7.812	20.813	162.586	7.812	-0,21	-0,22	-0,01
Florianópolis	2.660	17.336	6.517	1.950	14.825	7.603	-26,69	-14,48	16,66
Itajaí	9.111	73.128	8.026	9.196	78.910	8.581	0,93	7,91	6,91
Ituporanga	277	2.475	8.935	190	1.615	8.500	-31,41	-34,75	-4,87
Joinville	19.536	164.871	8.439	18.025	151.051	8.380	-7,73	-8,38	-0,70
Rio do Sul	10.702	95.926	8.963	9.692	84.438	8.712	-9,44	-11,98	-2,80
Tabuleiro	126	1.056	8.381	120	1.020	8.500	-4,76	-3,41	1,42
Tijucas	2.690	20.300	7.546	2.490	18.860	7.574	-7,43	-7,09	0,36
Tubarão	21.094	173.214	8.212	21.082	173.128	8.212	-0,06	-0,05	0,01
Santa Catarina	146.939	1.182.596	8.048	143.310	1.156.288	8.068	-2,47	-2,22	0,25

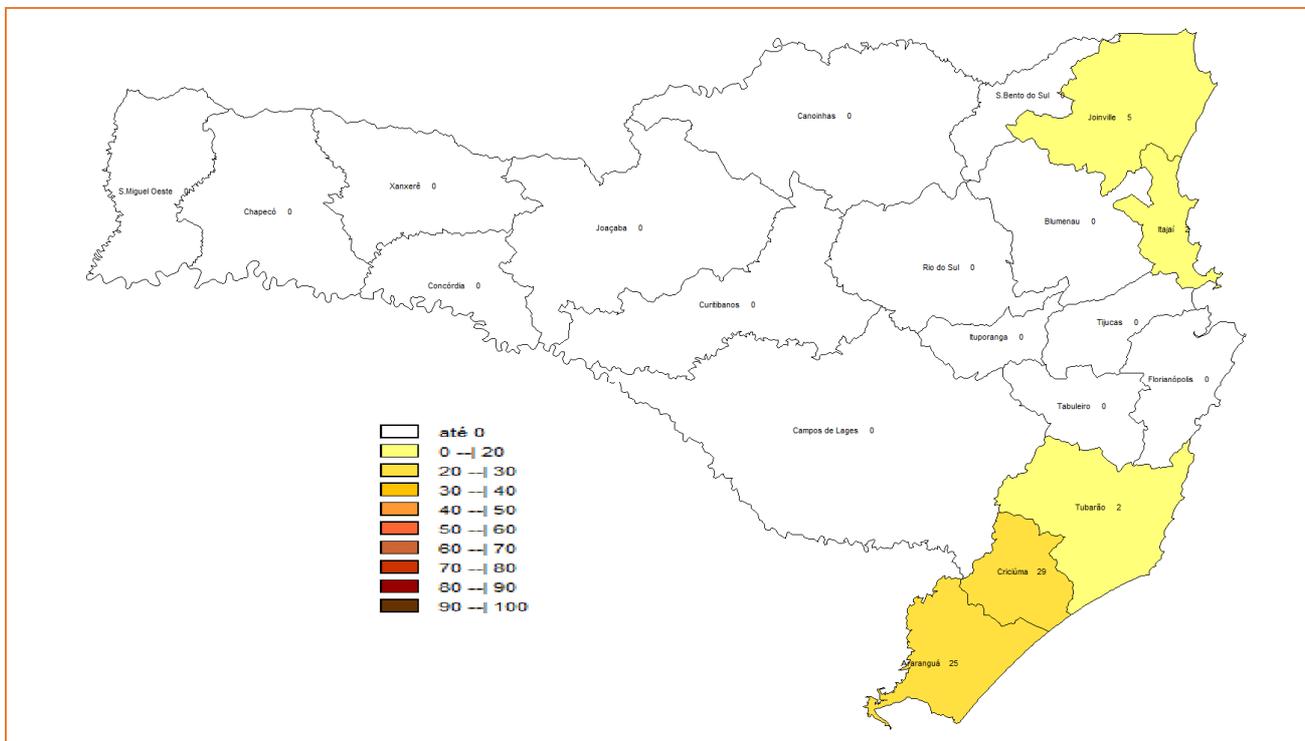
Fonte: Epagri/Cepa (Dezembro/2018).

As estimativas atualizadas da Epagri/Cepa para a safra 2018/19 apontam para uma leve redução na área plantada de arroz irrigado em Santa Catarina, embora menos expressiva do que a estimativa inicial. Confirmando-se o fenômeno El Niño, é possível que as produtividades sejam inferiores às observadas nas duas últimas safras, haja vista a irregularidade nas chuvas. Até o momento, a expectativa é que a produção seja 2,22% menor em relação à safra 2017/18, devendo ficar em 1,15 milhão de toneladas de arroz em casca, em uma área aproximada de 143 mil hectares.



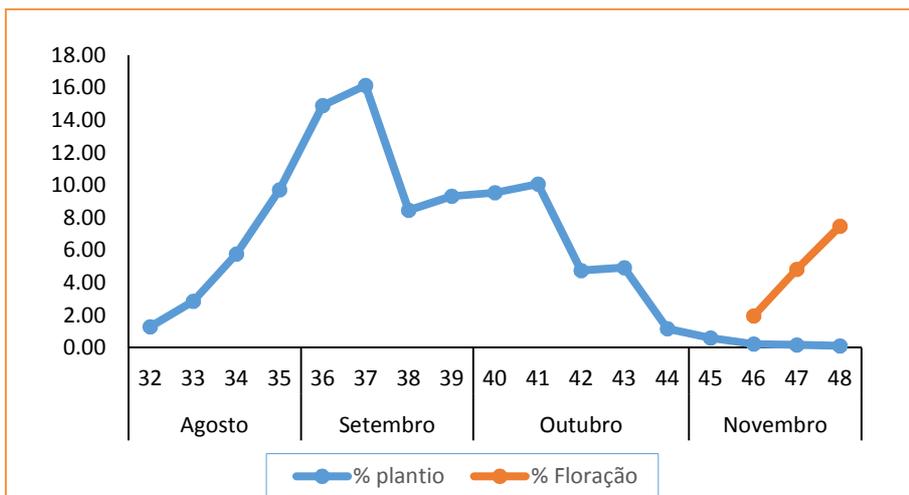
Fonte: Epagri/Cepa.

Arroz Irrigado: Santa Catarina – Percentual de plantio por microrregião até novembro de 2018 (Safrá 2018/19)



Fonte: Epagri/Cepa.

Arroz Irrigado: Santa Catarina – Percentual de floração por microrregião até novembro de 2018 (Safrá 2018/19)



Fonte: Epagri/Cepa.

Arroz irrigado: Santa Catarina – Evolução do % de plantio semanal

No estado, 99,99% da área destinada ao arroz irrigado na safra 2018/19 já foi semeada até dia 01 de dezembro (semana 48), restando apenas a microrregião de Tabuleiro para encerrar o plantio. A floração nas lavouras catarinenses de arroz teve início em meados de novembro. As regiões cujo estágio encontra-se mais avançado são Araranguá e Criciúma, com mais de 25% da área plantada em floração. A ausência de chuvas e ocorrência de altas temperaturas em algumas regiões do estado preocupam a evolução da cultura no campo, pois se persistirem por mais tempo podem prejudicar principalmente as lavouras que já estão na fase de floração. No total do estado, cerca de 14% da área plantada já está em floração. Contudo, os relatórios de campo apontam que cerca de 96% da área plantada encontra-se em condição boa, sem apresentar problemas que resultem em redução da produtividade ou perdas; 3% em condição média e 1% em condição ruim, principalmente pela ocorrência de pragas e doenças.

No estado, 99,99% da área destinada ao arroz irrigado na safra 2018/19 já foi semeada até dia 01 de dezembro (semana 48), restando apenas a microrregião de Tabuleiro para encerrar o plantio. A floração nas lavouras catarinenses de arroz teve início em meados de novembro. As regiões cujo estágio encontra-se mais avançado são Araranguá e Criciúma, com mais de 25% da área plantada em floração. A ausência de chuvas e ocorrência de altas temperaturas em algumas regiões do estado preocupam a evolução da cultura no campo, pois se persistirem por mais tempo podem prejudicar principalmente as lavouras que já estão na fase de floração.

Feijão

João Rogério Alves
Engenheiro-agrônomo, M.Sc. – Epagri/Cepa
joaoalves@epagri.sc.gov.br

No mês de novembro, os preços do feijão carioca seguiram nominais, ou seja, pouca variação nos preços em função da espera de feijão novo da safra 2018/19. Em Santa Catarina, os preços do feijão carioca, na praça de Joaçaba, tiveram ligeira queda de cerca de 8%. O preço médio pago pela saca de 60kg passou de R\$ 100,00 em outubro para R\$ 92,11 em novembro. Na comparação com novembro do ano passado, a variação ainda permanece negativa em cerca de 16%. Em relação ao feijão preto, o preço pago ao produtor catarinense pela saca de 60kg teve comportamento baixista em novembro, redução de cerca de 3%, passando de R\$ 138,18 para R\$ 133,68/saca de 60kg. Nesta primeira quinzena de dezembro estamos presenciando uma estiagem em praticamente todas as regiões produtoras de feijão do estado. Com isso, o mercado começou a reagir, com tendência de alta nas cotações, tanto para o feijão carioca como para o feijão preto.

No mercado paranaense, principal estado produtor nacional de feijão 1ª safra, os preços já deram sinais de alta. Em novembro, os preços do feijão carioca pagos ao produtor tiveram alta de 7,51%. A expectativa é que a safra paranaense tenha uma redução na produtividade média, em função dos problemas climáticos, com excesso de chuvas em outubro e frio fora de época em novembro, fatores que deverão gerar uma produção com grãos miúdos e qualidade comprometida. Segundo o Deral (Departamento de Economia Rural), no Paraná, até o último dia 10/12, cerca de 4% da área plantada com feijão já tinha sido colhida. Em relação às condições das lavouras, 66% são consideradas boas, 28% média e 6% ruim.

Assim como em Santa Catarina, no Rio Grande do Sul a 1ª safra do feijão possui duas épocas distintas. No estado gaúcho, as lavouras situadas nos Campos de Cima da Serra são semeadas mas tarde; no restante do estado, as lavouras encontram-se, em sua maioria, em estágio de desenvolvimento vegetativo e enchimento de grãos; cerca de 6% da área plantada já foi colhida. As áreas que estão sendo colhidas apresentam excelente produtividade e qualidade de grão. Quanto aos preços pagos aos produtores, em novembro o feijão preto teve ligeira alta de 1,22%, passando de R\$ 136,90 para R\$ 138,57/saca de 60kg.

Feijão – Evolução do preço médios mensal pago ao produtor - Safra 2017/18 (R\$/60kg)

Estado	Tipo	Nov./18	Out./18	variação (%)	nov/17	Variação nov./18 – nov./17 (%)
Santa Catarina	Feijão Carioca	92,11	100,00	-7,89	110,00	-16,26
Paraná		102,40	95,25	7,51	87,34	17,24
São Paulo		105,20	105,09	0,10	114,43	-8,07
Minas Gerais		95,49	102,68	-7,00	99,58	-4,11
Goiás		94,78	94,62	0,17	100,69	-5,87
Santa Catarina	Feijão Preto	133,68	138,18	-3,26	110,00	21,53
Paraná		121,82	125,54	-2,96	111,35	9,40
Rio Grande do Sul		138,57	136,90	1,22	136,5	1,52

Nota: Feijão preto, referência Canoinhas/SC. Feijão carioca, referência Joaçaba/SC - novembro/2018.

Fonte: Epagri/Cepa (SC), SEAB/Deral (PR), Agrolink (RS, MG, GO e SP).

Na Bolsa de Cereais de São Paulo (BCSP), que registra os preços praticados no mercado atacadista para o principal mercado brasileiro de feijão, no dia 07/12 a saca de 60kg do feijão carioca nota 9,0 foi comercializado a R\$ 162,50, variação positiva em cerca de 41% em relação ao dia 07/11. Para o feijão preto especial, a cotação da saca de 60kg foi de R\$ 150,00 em 07/11 contra R\$ 145,00 em 07/12, baixa de mais de 3%. Essa alta nos preços de atacado do feijão carioca decorrem das possíveis perdas da safra paranaense em função da estiagem. Produtores estão segurando a produção na espera de melhores ofertas e compradores saíram a campo em busca de produto de qualidade para atenderem seus clientes do mercado varejista.

Feijão: São Paulo - Preço médio diário do feijão no mercado atacadista				
Produto⁽¹⁾	07/12/2018	07/11/2018	Varição (%)	Mercado⁽²⁾
Feijão Carioca Extra (9,5)	0,00	120,00		n/cotado
Feijão Carioca Extra (9,0)	162,50	115,00	41,30	nominal
Feijão Carioca Especial (8,5)	152,50	107,50	41,86	nominal
Feijão Carioca Comercial (8,0)	137,50	97,50	41,03	nominal
Feijão Preto Extra	160,00	0,00		nominal
Feijão Preto Especial	145,00	150,00	-3,33	nominal

⁽¹⁾ Feijão nacional, maquinado, saca 60kg, 15 dias, CIF/SP.

⁽²⁾ Comportamento do mercado em 07/12/2018.

Nota 1: nominal: preço sem variação por falta ou excesso do produto.

Fonte: Bolsa de Cereais de São Paulo, BCSP.

Em solo catarinense, cerca de 80% dos 36,3 mil hectares previstos já foram plantados. Nas regiões mais frias do estado, como Campos de Lages e Campos Novos, onde o plantio ocorre a partir da segunda quinzena de novembro, as operações de semeadura seguem firme. O que está faltando é chuva, pois já faz cerca de quinze dias que não chove em todo estado. Do que já foi plantado, cerca de 10% encontra-se em floração e 90% em desenvolvimento vegetativo. O calor excessivo e as altas temperaturas podem comprometer o rendimento das lavouras que estão em floração. Ainda é cedo para se falar em perdas.

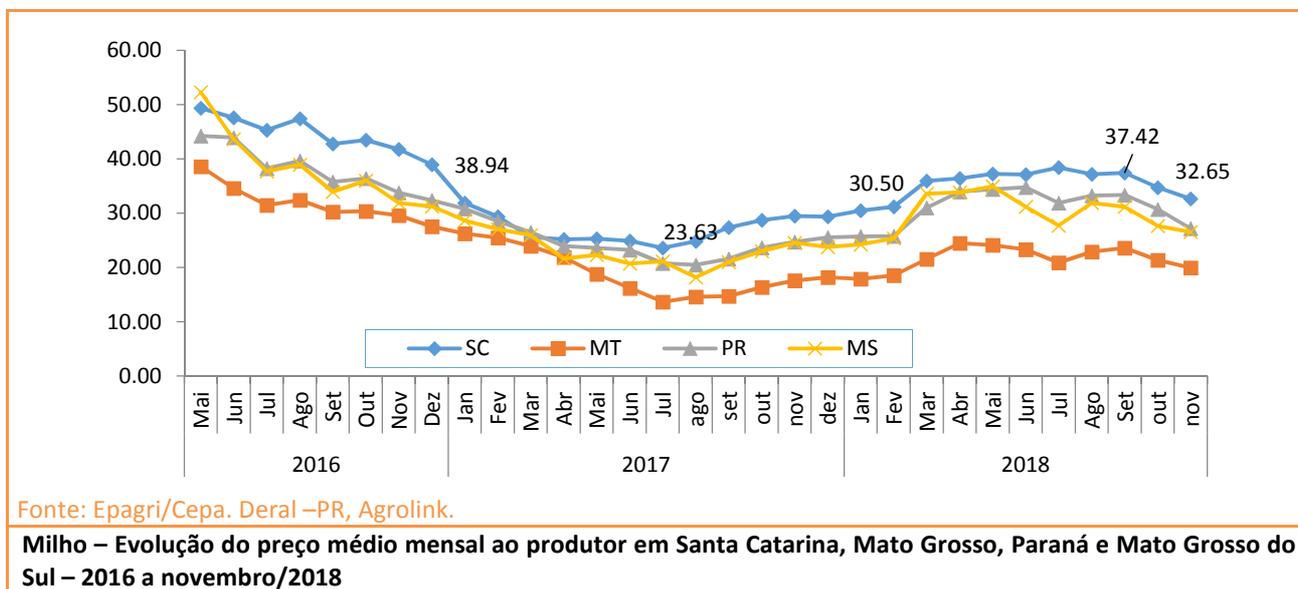
Feijão 1ª safra: Santa Catarina - Comparativo de safra 2017/18 e 2018/19									
Microrregião	Safra 2017/2018			Estimativa Atual Safra 2018/2019			Varição (%)		
	Área (ha)	Quant. prod.(t)	Rend. médio (kg/ha)	Área (ha)	Quant. prod.(t)	Rend. médio (kg/ha)	Área	Quant. prod.	Rend. médio
Araranguá	98	96	979	74	73	982	-24	-24	0
Blumenau	95	100	1.053	97	114	1.170	2	14	11
Campos de Lages	9.380	19.207	2.048	8.115	15.856	1.954	-13	-17	-5
Canoinhas	6.000	10.734	1.789	5.860	12.195	2.081	-2	14	16
Chapecó	2.732	5.509	2.017	2.765	5.645	2.042	1	2	1
Concórdia	624	1.099	1.760	429	798	1.860	-31	-27	6
Criciúma	543	630	1.161	533	629	1.180	-2	0	2
Curitibanos	9.095	19.967	2.195	4.380	9.114	2.081	-52	-54	-5
Florianópolis	132	181	1.371	31	40	1.274	-77	-78	-7
Itajaí	7	8	1.143						
Ituporanga	1.107	2.212	1.998	980	1.944	1.984	-11	-12	-1
Joaçaba	3.783	7.085	1.873	2.417	4.034	1.669	-36	-43	-11
Joinville	14	10	714	22	22	1.000	57	120	40
Rio do Sul	588	968	1.646	602	1.035	1.719	2	7	4
São Bento do Sul	500	798	1.595	680	1.224	1.800	36	53	13
São Miguel do Oeste	1.077	1.881	1.746	959	1.893	1.974	-11	1	13
Tabuleiro	485	544	1.122	463	737	1.591	-5	35	42
Tijucas	184	213	1.158	170	321	1.888	-8	51	63
Tubarão	1.033	1.340	1.297	973	1.301	1.337	-6	-3	3
Xanxerê	9.402	16.613	1.767	6.748	14.505	2.150	-28	-13	22
Santa Catarina	46.879	89.194	1.903	36.298	71.478	1.969	-23	-20	3

Fonte: Sistema de acompanhamento de safras, Epagri/Cepa (Novembro/2018).

Milho

Haroldo Tavares Elias
Engenheiro-agrônomo, Dr. – Epagri/Cepa
htelias@epagri.sc.gov.br

De janeiro a setembro, os preços ao produtor tiveram elevação superior a 20% (Gráfico). No entanto, de setembro a novembro houve uma reversão do quadro, registrando retração de 12,7%, com cotação média de R\$ 32,65/sc em novembro. Até o dia 10 de dezembro os preços diários permaneceram estáveis, no mesmo patamar da média de novembro¹, sugerindo o fortalecimento das cotações no final do ano. Relativo ao mês correspondente do ano anterior (novembro/2017), o valor pago ao produtor está 19,2% superior. Nos principais estados produtores, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e Paraná, as cotações em novembro registraram R\$ 19,98/sc, R\$ 26,53/sc, R\$ 27,20/sc, respectivamente. Em relação ao mês anterior, houve uma desvalorização de 7,3% do produto, em média, nestes estados. A perspectiva de maior oferta de milho da primeira safra (Sul do Brasil), com as notícias do bom desenvolvimento da safra de verão (até final de novembro), sustenta as estimativas de maior oferta a partir de janeiro/2019. Este fato tem pressionado as cotações do cereal ao longo de outubro e novembro. O baixo ritmo das exportações também teve influência no comportamento dos preços, embora em novembro a exportação tenha alcançado próximo de 4 milhões de toneladas. O excesso de chuvas em outubro, a diminuição da luminosidade, temperaturas baixas e estiagem no início de dezembro no Sul do Brasil poderão afetar o rendimento final das lavouras. O mercado deverá estar focado nas condições climáticas nas regiões produtoras.



Panorama estadual – Safra 2018/19

A estimativa atual (nov/2018) para a próxima safra apresenta uma recuperação da área cultivada de milho, incluindo milho 1ª safra e milho 2ª Safra, em 7,5% em relação à safra 2017/18. Com isso, há a expectativa

¹ <https://cepa.epagri.sc.gov.br/index.php/precos-agricolas-diario-dez-2018/>

que o estado cultive 346.945 mil hectares de milho grão, frente aos 322.750 mil hectares da safra anterior. Este ganho de área, conforme relatado nos boletins anteriores, se dá em função dos preços fortalecidos do cereal desde o início de 2018. Os preços de equivalência soja/milho permaneceram por vários meses na faixa de 2,3 ou menores, situação que favoreceu o cultivo do milho. Outro fator levado em consideração pelo produtor foi a necessidade de rotação de culturas soja/milho, em função da questão fitossanitária e aspectos de conservação do solo em plantio direto. Também há uma expectativa de recuperação quanto ao rendimento médio (Kg/ha), atualizado na estimativa de novembro para 8.233 Kg/ha, contra 7.969 kg/ha do ano anterior (milho total). Com isto, espera-se que a produção do estado fique em 2,85 milhões de toneladas, superior em mais de 270 mil toneladas em relação à safra anterior. Isto se as condições climáticas se apresetarem favoráveis nos próximos meses.

Milho 2ª Safra:

A área de milho da segunda safra, está incluída no levantamento atual, com área estimada de 15.544ha para safra 2018/19.

Milho Total: Santa Catarina - safra 2018/18, estimativa nov. 2018									
Milho total	Safra 2017/18			2018/19 (estimativa nov/2018)			Variação %		
	Área Plantada (ha)	Quantidade produzida (t)	Rend. Médio (kg/ha)	Área Plantada (ha)	Quantidade produzida (t)	Rend. Médio (kg/ha)	Área Plantada (ha)	Quantidade produzida (t)	Rend. Médio (kg/ha)
Araranguá	8.644	58.077	6.719	8.449	56.908	6.735	-2,26	-2,01	0,25
Blumenau	1.899	7.374	3.883	1.872	8.323	4.446	-1,42	12,87	14,49
Campos de lages	33.080	248.812	7.522	32.860	252.394	7.681	-0,67	1,44	2,12
Canoinhas	28.800	277.180	9.624	29.740	279.782	9.408	3,26	0,94	-2,25
Chapecó	51.117	416.346	8.145	51.323	431.240	8.402	0,40	3,58	3,16
Concórdia	23.359	169.839	7.271	24.900	180.601	7.253	6,60	6,34	-0,25
Criciúma	7.534	50.542	6.709	7.458	50.428	6.762	-1,01	-0,22	0,79
Curitibanos	17.360	157.872	9.094	24.835	257.633	10.374	43,06	63,19	14,07
Florianópolis	359	1.730	4.819	93	453	4.866	-74,09	-73,84	0,97
Itajaí	27	118	4.370						
Ituporanga	9.072	62.442	6.883	11.730	80.730	6.882	29,30	29,29	-0,01
Joaçaba	49.130	407.583	8.296	57.425	505.352	8.800	16,88	23,99	6,08
Joinville	390	1.544	3.959	335	1.340	4.000	-14,10	-13,21	1,04
Rio do Sul	18.525	125.648	6.783	20.165	127.446	6.320	8,85	1,43	-6,82
São Bento do Sul	4.400	35.616	8.095	4.500	37.950	8.433	2,27	6,55	4,19
São Miguel do Oeste	39.830	299.740	7.525	38.270	291.451	7.616	-3,92	-2,77	1,20
Tabuleiro	2.725	15.738	5.775	2.975	17.145	5.763	9,17	8,94	-0,21
Tijucas	480	1.774	3.696	1.735	9.661	5.568	261,46	444,59	50,66
Tubarão	6.089	36.924	6.064	5.850	36.117	6.174	-3,93	-2,19	1,81
Xanxerê	19.930	197.178	9.894	22.430	231.438	10.318	12,54	17,38	4,29
Santa Catarina	322.750	2.572.076	7.969	346.945	2.856.390	8.233	7,50	11,05	3,31

Fonte: Sistema de Acompanhamento de safra. Epagri/Cepa.

Acompanhamento safra 2018/19:

Oeste: Chapecó, Xanxerê, Concórdia e São Miguel do Oeste: No vale do Uruguai, as lavouras semeadas em agosto/setembro já estão em fase de maturação (desenvolvimento normal até 10 de dezembro). Na região de Xanxerê, em torno de 30% das lavouras se encontram em fase de floração e início de maturação, fase sensível para déficit hídrico. A região de Chapecó apresentam condições semelhantes. Nessas regiões, não há registro de chuvas em dezembro (12 dias). No geral, até dia 10 de dezembro as condições das lavouras estavam boas em mais de 80% da área. Caso tenhamos precipitações nos próximos dias, a safra deverá ser cheia.

Joaçaba, Campos Novos, Curitibanos, Caçador: Plantio praticamente concluído até 10 de dezembro (98%). O clima chuvoso em outubro acarretou atraso no plantio. Plantio se encaminhando para o final e aumentando o número de hectares entrando em floração. Até o momento, a expectativa é de safra cheia. Até 12 de dezembro não há registro de chuvas no mês, o que começa a preocupar, visto que em torno de 20-25% das lavouras na região estão em fase de floração.

Região Norte - Mafra e Canoinhas: Grande parte das lavouras se encontram em período vegetativo, com algumas áreas iniciando a floração. As condições das lavouras se apresentam boas em 75% da área e média em 20% da área, que podem se recuperar com a prática de fertilização nos próximos dias. As condições são ruins em 5% da área. Condições climáticas favoráveis até o início de dezembro. No entanto, até o dia 12 de dezembro não há registro de chuvas. O déficit hídrico poderá afetar o desenvolvimento das lavouras, caso permaneça após o dia 15 de dezembro.

Campos de Lages: o plantio avança, com 94% da área semeada na região até o início de dezembro. As lavouras apresentam condições boas em 80% da área. Grande parcela das lavouras estão em desenvolvimento vegetativo.

Litoral Sul e Norte: Maior parte das áreas com lavouras na fase de maturação, apresentando desenvolvimento normal. Boa parte desta produção é para consumo interno.

Estado: No estado, o plantio avança para a finalização, faltando algumas áreas na região de Lages, com maior altitude. Em torno de 96% das lavouras já estão estabelecidas (até início de dezembro). Safra com desenvolvimento normal até o momento. Em várias regiões produtoras não há registro de chuvas em dezembro (até dia 12). A expectativa é para o retorno das chuvas nos próximos dias. Caso até dia 15 de dezembro não ocorram precipitações nas regiões produtoras, o rendimento pode começar a ficar comprometido, uma vez que, em várias regiões, as lavouras se encontram em fase de floração, período crítico no desenvolvimento das plantas.

Climatologia (o que se espera para época do ano):

No mês de dezembro a média de chuva é de 150 a 200 mm no Oeste, Meio Oeste, Planalto Norte, Vale do Itajaí, Litoral Norte e Grande Florianópolis, e entre 100 a 140 mm nas demais regiões. Em janeiro e fevereiro a média é de 130 a 230 mm, mais elevada no Oeste e, sobretudo, na Grande Florianópolis e Litoral Norte. Em dezembro, a chuva é mais frequente na segunda quinzena. Em janeiro e fevereiro, já com características de verão, a chuva convectiva (curta duração) ocorre com maior frequência entre a tarde e a noite e, por vezes, na madrugada. Nos últimos meses da primavera ainda ocorre chuva em forma de pancadas, com temporais e acumulados significativos em curto espaço de tempo, com granizo e ventania.

Safra Nacional

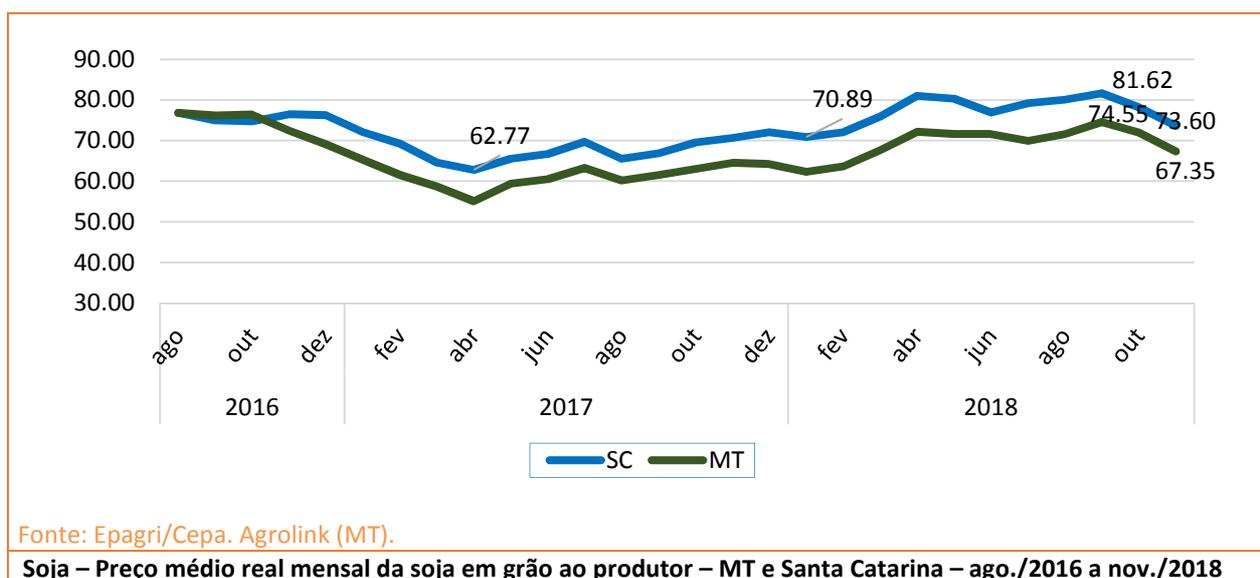
Aumento de 0,8% na área a ser cultivada da primeira safra e produção prevista de 27,4 milhões de toneladas. Acrescentando a segunda safra, a produção total poderá atingir 91,1 milhões de toneladas, 12,8% superior à obtida em 2017/18².

² Conab | ACOMPANHAMENTO DA SAFRA BRASILEIRA DE GRÃOS | v. 6 - Safra 2018/19, n.3 - Terceiro levantamento, 17 dezembro 2018..

Soja

Haroldo Tavares Elias
Engenheiro-agrônomo, Dr. – Epagri/Cepa
htelias@epagri.sc.gov.br

Após um longo período de movimento altista, em novembro os preços pagos aos produtores no estado recuaram 9,8% frente à setembro, sendo o segundo mês de queda dos preços. Em Mato Grosso, o comportamento foi semelhante, registrando R\$ 67,35 (saca de 60kg) em novembro e R\$ 74,55 em setembro, recuo de 9,6% (Gráfico - Preço médio mensal...). O fator que influenciou a queda dos preços nos últimos dois meses foi a relação cambial e a sinalização de acordo entre EUA e China, que pode reacender o mercado, melhorando as cotações em Chicago. Com isso, a China poderá ter mais opções de compra. Por outro lado, os prêmios para a soja brasileira apresentaram uma forte diminuição, o que pressionou internamente os preços no último mês. As boas expectativas para a safra 2018/19 no Brasil, na Argentina (melhor do que a safra anterior) e o nível elevado de estoques no EUA também são fatores de baixa para os preços. As condições climáticas para atual safra no Brasil e outros países da América Latina serão determinantes para o mercado em dezembro e janeiro/2019. O excesso de chuvas em outubro, a diminuição da luminosidade, temperaturas baixas e estiagem no início de dezembro no Sul do Brasil poderão afetar o rendimento final das lavouras. O mercado deverá estar focado nas condições climáticas nas regiões produtoras.



Safra 2018/19

A produção de soja em Santa Catarina na safra 2017/18 alcançou 684 mil hectares cultivados, com produção de 2,45 milhões de toneladas, conforme tabela abaixo. Na safra 2018/19 a área deverá apresentar um recuo de 2,6%, chegando aos 666 mil hectares, com produção estimada de 2,45 milhões de toneladas (Tabela. Soja estimativa atua out...). Mesmo com diminuição da área, a produção total deverá se manter, em função da expectativa de melhor rendimento, 2,5% superior à safra passada. Um dos fatores que levou a esta projeção de redução da área foi o preço do milho desde início do ano, o que, de certa forma, incentivou o cultivo do cereal, expandindo a área em mais de 7,5% para próxima safra (estimativa Nov/2018). Por outro lado, ocorreu um ajuste na área plantada de soja em algumas regiões, de acordo com o CENSO AGRO 2017, cujos resultados iniciais foram apresentados em julho de 2018. As regiões de

Xanxerê, Canoinhas e Curitibanos, incluindo Campos Novos, constituem os maiores produtores, somando 388 mil hectares, mais de 58% da área cultivada do Estado. Nesta safra, está sendo apontado o cultivo da soja na região Sul do estado, com plantio de 1.540 hectares, em sucessão ao milho, milho silagem e fumo.

Soja: Santa Catarina – Estimativa atual – nov./2018, produção e rendimento, comparativo entre safras 2017/18-2018/19 – estimativa novembro

Microrregião	2017/18			2018/19 Estimativa atual -nov/2018			Variação % (17/18 a 18/19)		
	Área Plantada (ha)	Quant. produzida (t)	Rend. Médio (kg/ha)	Área Plantada (ha)	Quant. produzida (t)	Rend. Médio (kg/ha)	Área Plantada (ha)	Quant. produzida (t)	Rend. Médio (kg/ha)
Campos de Lages	62.230	222.758	3.580	59.140	211.873	3.583	-5,0	-4,9	0,1
Canoinhas	129.800	450.720	3.472	132.600	476.186	3.591	2,2	5,7	3,4
Chapecó	92.941	300.866	3.237	87.716	290.413	3.311	-5,6	-3,5	2,3
Concórdia	5.330	19.855	3.725	5.359	19.376	3.616	0,5	-2,4	-2,9
Criciúma				1.930	6.667	3.454			
Curitibanos	113.008	438.490	3.880	112.730	458.823	4.070	-0,2	4,6	4,9
Ituporanga	8.240	34.140	4.143	7.220	27.652	3.830	-12,4	-19,0	-7,6
Joaçaba	67.664	255.994	3.783	61.150	250.860	4.102	-9,6	-2,0	8,4
Rio do Sul	4.015	15.721	3.916	5.000	18.172	3.634	24,5	15,6	-7,2
São Bento do Sul	11.500	37.020	3.219	9.300	30.240	3.252	-19,1	-18,3	1,0
São Miguel do Oeste	41.277	137.846	3.340	41.277	137.847	3.340	0,0	0,0	0,0
Xanxerê	148.040	545.578	3.685	142.950	527.350	3.689	-3,4	-3,3	0,1
Santa Catarina	684.045	2.458.989	3.595	666.372	2.455.459	3.685	-2,6	-0,1	2,5

Fonte: Fonte: Epagri/Cepa

Panorama regional:

Região Oeste: Chapecó, São Miguel do Oeste, Concórdia e Xanxerê. Após chuvas intensas em outubro, as últimas semanas de novembro apresentaram tempo bom, com sol e temperatura mais amena durante a madrugada. Caso não ocorram problemas fitossanitários, tudo indica uma boa safra nas regiões. A falta de chuvas até dia 12 de dezembro ainda não comprometem. A maior parte das lavouras se encontra na fase de desenvolvimento vegetativo. Algumas áreas estão iniciando o período de floração (10% em Chapecó até 10 de dezembro).

Região Norte: Houve um atraso no plantio em função das chuvas persistente em outubro. A janela de plantio para as áreas de soja vai até o final de novembro. Até o início de dezembro, 90% da área estava semeada na região. A maior parte das lavouras está em desenvolvimento vegetativo. Em torno de 90% da lavouras apresentam condições boas. Algumas áreas tiveram que ser replantadas. A falta de chuvas no início de dezembro ainda não comprometem o rendimento das lavouras.

Região de Joaçaba, Curitibanos, Campos Novos: o plantio na região (98%) está praticamente finalizado até o fechamento deste Boletim (12 de dezembro). Algumas áreas já estão iniciando o período de floração (7%). No geral, as lavouras apresentam boas a ótimas condições.

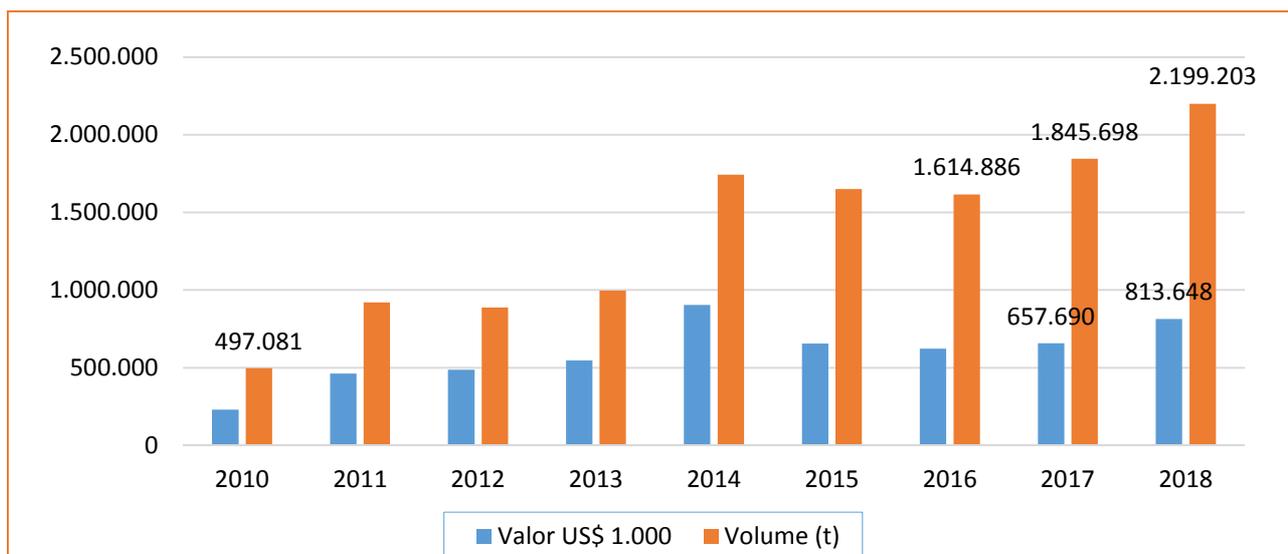
Campos de Lages: Início de plantio, com 95% da área semeada até 10 de dezembro.

Estado: o plantio está sendo finalizado, restando poucas áreas na regiões de Lages e Curitibanos (em 12 de dezembro). A estimativa é de que 97% da área no Estado esteja semeada. Chuvas contínuas durante outubro provocaram um atraso no cronograma de plantio. A estiagem verificada até 12 de dezembro não repercutiu até o momento no rendimento. As lavouras estão em bom estado (mais de 80%). Os produtores estão na expectativa de retorno das chuvas até o final de semana (15 de dezembro), para manter a expectativa de bons rendimentos.

Exportações de soja de Santa Catarina

Neste ano, as exportações de soja de Santa Catarina estão registrando novo recorde, da mesma forma que

em 2017, quando superou em 17,9% o volume do ano anterior, com 1,84 milhões de toneladas. Em 2018, no acumulado de janeiro a novembro registra 2,19 milhões de toneladas, 19,1% superior à 2017 (MDIC-Comexstat/2018). O ano de 2017 registrou a maior safra de soja da história de Santa Catarina, com grande parte da produção exportada. O produto está na 4ª posição do Valor Bruto da Produção dentre os principais produtos da agropecuária do estado. Nos últimos três anos, as exportações catarinenses do complexo soja aumentaram 36%, passando de 1,61 milhões em 2016 para 2,19 milhões de toneladas neste ano, com faturamento de US\$ 813,6 milhões. Os principais destinos das exportações são China (mais de 90% do total), Irã, Tailândia e Holanda.



Fonte: <http://comexstat.mdic.gov.br/pt/geral>.

Soja: Santa Catarina – Exportações – 2010 a nov./2018 – Cod. NCM: 1201 grãos e sementeira (mesmo triturada)

Climatologia³ (o que se espera para época do ano):

No mês de dezembro, a média de chuva é de 150 a 200mm no Oeste, Meio Oeste, Planalto Norte, Vale do Itajaí, Litoral Norte e Grande Florianópolis e entre 100 a 140mm nas demais regiões. Em janeiro e fevereiro, a média é de 130 a 230mm, mais elevados no Oeste e, sobretudo na Grande Florianópolis e Litoral Norte. Em dezembro, a chuva é mais frequente na segunda quinzena. Em janeiro e fevereiro, já com características de verão, a chuva convectiva (curta duração) ocorre com maior frequência entre a tarde e a noite e, por vezes, na madrugada. Nos últimos meses da primavera ainda ocorre chuva em forma de pancadas, com temporais e acumulados significativos em curto espaço de tempo, com granizo e ventania.

Safra Nacional:

A projeção é de crescimento de 1,8% na área de plantio e de 0,7% na produção, atingindo 120,1 milhões de toneladas (CONAB, dezembro 2018).

³ Epagri/Ciram. http://ciram.epagri.sc.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=2405&Itemid=141

Trigo

João Rogério Alves
Engenheiro-agrônomo, M.Sc. – Epagri/Cepa
joaoalves@epagri.sc.gov.br

Em Santa Catarina, os preços médios oferecidos aos produtores que possuem trigo grão disponível para comercialização variaram positivamente em 4,11% no mês de novembro, passando de R\$ 39,90 para R\$ 41,54/60kg. Em relação a um ano atrás, a variação permanece positiva em cerca de 23,82%. Os preços do trigo pago aos produtores apresentam sinais de melhora, alicerçados na recuperação dos preços do produto no mercado internacional. No dia 03/12 os preços do trigo apresentavam significativa alta na Bolsa de Chicago (CBOT). Para contratos de trigo hard (pão), com vencimento para dez/18, a alta foi de 4,4% e para contratos do trigo soft (biscoito), para dez/18, a valorização foi de 3,88%. Um fator importante que propiciou esse movimento de alta foi a retomada das negociações comerciais entre os EUA e a China, que provocou reação positiva nos mercados. Outro fator para a alta nos contratos futuros na CBOT foram as notícias de que a Rússia poderá suspender empresas de exportarem para fora do Mar Negro, caso não cumpram os padrões fitossanitários exigidos para exportação.

No Rio Grande do Sul, a colheita está encerrada. A produtividade média deverá ficar um pouco abaixo da obtida na última safra, quanto à qualidade, é considerada média, com produções de Ph abaixo de 78. Os preços pagos aos produtores seguem em ritmo lento de recuperação. Em relação aos preços praticados no mês de novembro do ano passado, a variação segue positiva em cerca de 26%. Contudo, na comparação com o mês de outubro, observamos ligeira baixa de cerca de 5,68%. Para as próximas semanas, o mercado demonstra sinais de que poderá haver uma reversão para tendência de alta. A safra rio-grandense de trigo obteve um incremento significativo em produção, passando de 1,23 para 2,06 milhões de toneladas, aumento de 68%, já a área cresceu modestos 0,3%. Essa alta produção pode ser atribuída ao significativo aumento de produtividade, que passou dos 1.773kg/ha obtidos na safra 2017/18 para 2.970kg/ha, incremento de aproximadamente 68% na produtividade média.

No mercado paranaense observa-se tendência de alta. Segundo dados do Deral/Seab, no mês de novembro houve variação positiva nos preços pagos ao produtor em cerca de 1,70%. Com a colheita encerrada, o estado registrou incremento na área plantada de cerca de 13% em relação à safra passada. Na produção houve um considerável aumento de 26%, passando de 2,24 para atuais 2,82 milhões de toneladas. Na produtividade o estado colheu em média 2.387kg/ha, contra os 2.244kg/ha obtidos da safra passada, que foi muito prejudicada pela ocorrência de geadas e estiagens. Esta safra poderia ter sido melhor, mas o excesso de chuvas ocorrido no mês de outubro comprometeu a qualidade da produção. Parte dela apresentou problemas de baixo Ph, produto que teve como destino a fabricação de rações. Além disso, parte do que foi colhido apresentou baixo *Falling Number* (FN) ou Índice de Queda. Este índice mede o dano causado por condições ambientais ou brotamento em trigo, quanto mais baixo, pior a qualidade de massas e principalmente pães. O baixo FN ocorre quanto no período de pré-colheita há excesso de umidade ou tempo chuvoso, aspectos que prejudicam a fase de maturação do trigo.

No estado de São Paulo, a colheita está concluída. O rendimento médio foi cerca de 19% menor que na safra passada. A área plantada também foi reduzida em cerca de 15%. Os motivos dessa redução foram: primeiro o desestímulo dos produtores em função da estiagem que atrasou o plantio, e, segundo, o alto custo de produção da lavoura de trigo. Os produtores tradicionais investiram apenas com vistas à cobertura do solo para formação de palhada para os cultivos de verão. Outro aspecto, relacionado pela Conab foi que a paralisação dos caminhoneiros fez com que atrasasse o recebimento de fertilizantes pelos produtores, acarretando atraso no plantio. Já na fase de enchimento de grão e maturação, o excesso de chuvas comprometeu a fitossanidade das lavouras, resultando numa produção de trigo com qualidade inferior.

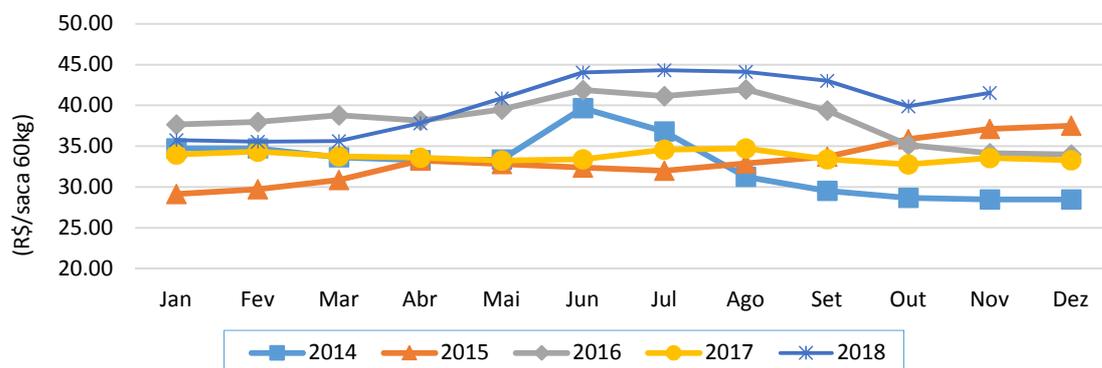
Trigo Grão – Preços médios pagos ao produtor safra 2018/19 – R\$/saca de 60kg

Estado	Out./18	Nov./18	Variação mensal (%)	Nov./17	Variação anual (%)
Santa Catarina	39,90	41,54	4,11	33,55	23,82
Paraná	42,90	43,63	1,70	33,38	30,71
Rio Grande do Sul	40,46	38,16	-5,68	30,30	25,94
São Paulo	52,07	48,52	-6,82	36,47	33,04

Nota: SC e PR - Trigo Pão PH78, RS e SP - Trigo em Grão Nacional.

Fonte: Epagri/Cepa (SC), SEAB/Deral (PR), Agrolink (RS e SP), novembro, 2018.

Os sinais do mercado internacional apontam para uma melhora no preço pago aos produtores. Neste mês de novembro já é possível perceber ligeira alta nas cotações. Em anos anteriores, nesta época do ano, era possível identificar essa mesma movimentação ascendente. Compradores estão atentos para a possibilidade de menor oferta de trigo de boa qualidade no mercado interno. Os eventos climáticos extremos, como, excesso de chuvas, geadas tardias e baixa luminosidade, certamente irão ocasionar diminuição da produtividade média e na qualidade do produto colhido. Desta forma, mantem-se nossa previsão de que a partir de dezembro, em função do término dos estoques de trigo nos moinhos, os preços devam reagir positivamente. Quem tiver trigo de boa qualidade provavelmente não terá problemas em comercializar sua produção a preços melhores.



Fonte: Epagri/Cepa.

Trigo – Comparativo da evolução dos preços reais do trigo em Santa Catarina - 2014 – novembro/2018

Na Argentina, a colheita segue em ritmo acelerado. Segundo relatório do dia 06/12 do Panorama Agrícola Semanal (PAS) da Bolsa de Cereais da Argentina, cerca de 44,4% da área total estimada de plantio de trigo já estava colhida, que resultaram numa produção de cerca de 8,82 milhões de toneladas, com rendimentos médios em torno de 2.570kg/ha. Ainda segundo o PAS, apesar da ocorrência de geadas, grande parte da província de Buenos Aires mantém uma condição de lavoura entre bom e excelente, o que permite manter a projeção de produção de 19,2 milhões de toneladas.

Com a colheita de trigo praticamente encerrada no estado, Santa Catarina deverá colher cerca de 165 mil toneladas, numa área de plantio de aproximadamente 52,5 mil hectares. As condições climáticas desfavoráveis durante a fase de enchimento de grãos e maturação prejudicaram as condições agrônomicas das lavouras numa fase crítica de seu desenvolvimento, em que clima seco e luminosidade são fundamentais. O que se presenciou nessa fase foi justamente o contrário. No mês de outubro, ocorreu uma sequência de semanas com tempo instável, com chuvas prolongadas e baixa luminosidade por dias

consecutivos. Como resultado, as lavouras foram prejudicadas pela ocorrência de doenças fúngicas, como Giberela e Brusone, que comprometeu a qualidade e a produtividade do trigo colhido.

Na região de Campos Novos, a colheita está concluída. A safra transcorreu normalmente até outubro, quando as condições climáticas comprometeram a produtividade e qualidade das lavouras. A produtividade inicialmente prevista de 70 a 75 sc/ha baixou para 62 sc/ha. A qualidade da produção só não foi mais atingida porque no período final de maturação e colheita o sol predominou na região e contribuiu para uma melhora na qualidade do grão. Estima-se que 65% do grão colhido seja classificado como tipo 1, 25% tipo 2 e 10% tipo 3. Na região de Canoinhas, o excesso de chuvas reduziu a qualidade e o rendimento médio das lavouras de trigo. Estima-se que cerca de 40% da produção da região será classificada como “triguilho” (destino para ração animal), 30% com Ph de 70 a 75 (com preços reduzidos pagos aos produtores) e 20% da produção com Ph de 75 a 78. Na região de Chapecó, a colheita está praticamente encerrada, com a produção colhida alcançando Ph de 74 a 80, mas com a maior parte ficando abaixo de Ph 78. A produtividade está sendo em torno de 3.240 a 3.900kg/ha.

Neste mês de novembro, foram atualizadas nossas estimativas de área, produção e rendimento para todas as microrregiões produtoras de trigo do estado. Santa Catarina deverá colher cerca de 54,1 mil hectares do cereal, com destaque para as microrregiões de Canoinhas, Chapecó e Xanxerê, que respondem por cerca de 70% da área plantada e 68,4% da produção estadual. Os dados levantados a campo revelam que deverá haver um pequeno acréscimo na área plantada da ordem de 2%, revertendo a tendência de queda na área plantada observada nos últimos anos. Apesar do clima não ter colaborado, sobretudo nas fases de maturação e colheita, deverá ter um aumento de 23% na produção, passando de 128,6 para 157,6 mil toneladas. O rendimento também deverá ser superior ao da safra passada, que foi de 2.216kg/ha, contra os atuais 2.960kg/ha, incremento de 21%.

Trigo Grão: Santa Catarina – Comparativo entre safra 2017/18 e estimativa atual da safra 2018/19

Microrregião	Safra 2017/18			Estimativa atual Safra 2018/19			Variação (%)		
	Área plantada (ha)	Quant. prod. (t)	Rend. médio (kg/ha)	Área plantada (ha)	Quant. prod. (t)	Rend. médio (kg/ha)	Área	Prod.	Rend.
Campos de Lages	540	1.150	2.130	285	607	2.130	-47	-47	0
Canoinhas	9.580	27.957	2.918	12.150	32.955	2.712	27	18	-7
Chapecó	14.030	34.722	2.475	11.824	33.143	2.803	-16	-5	13
Concórdia	915	2.246	2.455	432	1.163	2.692	-53	-48	10
Curitibanos	7.510	16.002	2.131	7.500	27.480	3.664	0	72	72
Ituporanga	505	1.054	2.086	615	1.521	2.472	22	44	19
Joaçaba	3.440	7.512	2.184	3.131	9.521	3.041	-9	27	39
Rio do Sul	225	485	2.156	190	492	2.589	-16	1	20
São Bento do Sul	150	357	2.383	250	615	2.460	67	72	3
São Miguel do Oeste	2.507	6.511	2.597	3.646	8.394	2.302	45	29	-11
Xanxerê	13.795	30.570	2.216	14.100	41.733	2.960	2	37	34
Outras ⁽¹⁾	20	36	1.800						
Santa Catarina	53.217	128.602	2.417	54.123	157.623	2.912	2	23	21

⁽¹⁾ Safra 2017/18: dados da MRG de Blumenau.

Fonte: Epagri/Cepa, novembro/2018.

Hortaliças

Alho

Jurandi Teodoro Gugel
Engenheiro-agrônomo - Epagri/Cepa
jurandgugel@epagri.sc.gov.br

Safra de alho catarinense está sendo colhida

A nova safra de alho em Santa Catarina encontra-se no período de colheita em praticamente todas as regiões produtoras. As expectativas de safra e mercado continuam não sendo muito boas aos produtores catarinenses, principalmente pela ocorrência de problemas climáticos no início do desenvolvimento vegetativo, quando ocorreu falta de chuvas, e no final, o excesso de chuva contribuiu para a ocorrência de doenças foliares. Tanto a falta de chuva quanto o excesso contribuíram para o aumento no custo de produção. Além das questões acima, os produtores catarinenses de alho enfrentam a ocorrência de distúrbio fisiológico conhecido como “superbrotamento”, em muitas lavouras. Os efeitos do superbrotamento são a má formação do bulbilho e, conseqüentemente, a produção de maior volume de alho tipo industrial (bulbos de pequeno calibre), cujo preço de mercado é bastante baixo.

Conforme Nota Técnica elaborada por pesquisadores da Estação Experimental da Epagri de Caçador, as causas podem ser diversas, como tamanho do bulbilho do alho semente, excesso de adubação nitrogenada, plantio fora da época recomendada e, principalmente, variação forte de temperatura no período de diferenciação do tecido para formação dos bulbos.

Segundo dados das estações meteorológicas da Epagri/Ciram, nos dias 04 a 08 de setembro, nos principais municípios produtores de Santa Catarina (Frei Rogério, Curitibaanos, Brunópolis e Lebon Régis) houve ocorrência de temperaturas extremamente baixas para o período, sendo o exemplo mais drástico o município de Curitibaanos, que no dia 05/09/18 registrou temperatura mínima de 0,42°C.

Dessa forma, os produtores catarinenses devem enfrentar uma conjuntura pouco favorável em termos de resultados econômicos com a atual safra.

Nesse sentido, os produtores e suas organizações de representação reivindicam algumas medidas que fazem parte de uma pauta de negociações junto às autoridades estaduais e ao governo federal, como já salientado em boletins anteriores, e que permanecem como demandas importantes para superar gargalos e entraves à atividade em Santa Catarina, como:

- a) elaboração de plano estadual de apoio à produção do alho em Santa Catarina pela Secretaria da Agricultura,
- b) negociação de cotas e transparência na concessão das autorizações de importação de alho em relação à quantidades e distribuição temporal da internalização do produto na CAMEX/MDIC;
- c) ajustes e adequações do Programa de Garantia de Preços da Agricultura Familiar - PGPAF, de modo que as operações de crédito rural do Pronaf para a cultura do alho, em caso de problemas de mercado, possam contar com efetiva cobertura financeira.
- d) manutenção da taxa *antidumping* para o alho chinês e a Lista de Exceção da Tarifa Externa Comum - Letec para o alho oriundo dos países fora do Mercosul.
- e) enquadramento do distúrbio fisiológico do superbrotamento como perda amparada pelo Proagro e Proagro Mais, conforme Nota Técnica de Ocorrência de Anomalias Fisiológicas no Alho emitida pela Epagri, datada de novembro de 2018.

Para a safra catarinense que já está em plena colheita permanece uma série de incógnitas, principalmente pela situação de oferta abundante de produto no mercado, pelo preço internacional que permanece baixo e

pela produção de volume significativo de bulbos de calibre baixo (alho 2 e 3), afetando o preço médio do produto comercializado.

Na Tabela 1 apresentamos um quadro comparativo das importações de alho pelo Brasil em 2016, 2017 e 2018, até novembro, segundo dados do Comexstat/MDIC.

Seguramente a importação no ano de 2018 deverá superar as 159,20 mil toneladas de alho importadas em 2017, porém não alcançará o volume importado em 2016, quando o Brasil internalizou 172,97 mil toneladas de alho. Sendo assim, percebe-se que o problema que afeta o mercado brasileiro e vivenciado pelos produtores em 2018 não é o volume de alho importado, mas o preço com que esta hortaliça chega ao nosso país.

No ano de 2016, a média mensal de entrada de alho no Brasil foi de 14,41 mil toneladas, totalizando no ano 172,97 mil toneladas. Em 2017, o volume importado baixou para 159,20 mil toneladas, com média mensal de 13,26 mil toneladas, redução nas importações em cerca de 8%. Em 2018, de janeiro a novembro a média mensal de importação foi de 14,45 mil toneladas, volume médio mensal superior à média dos dois anos anteriores. O agravante é que os maiores volumes do ano foram internalizados exatamente no período da comercialização da safra catarinense, ou seja, de janeiro a maio.

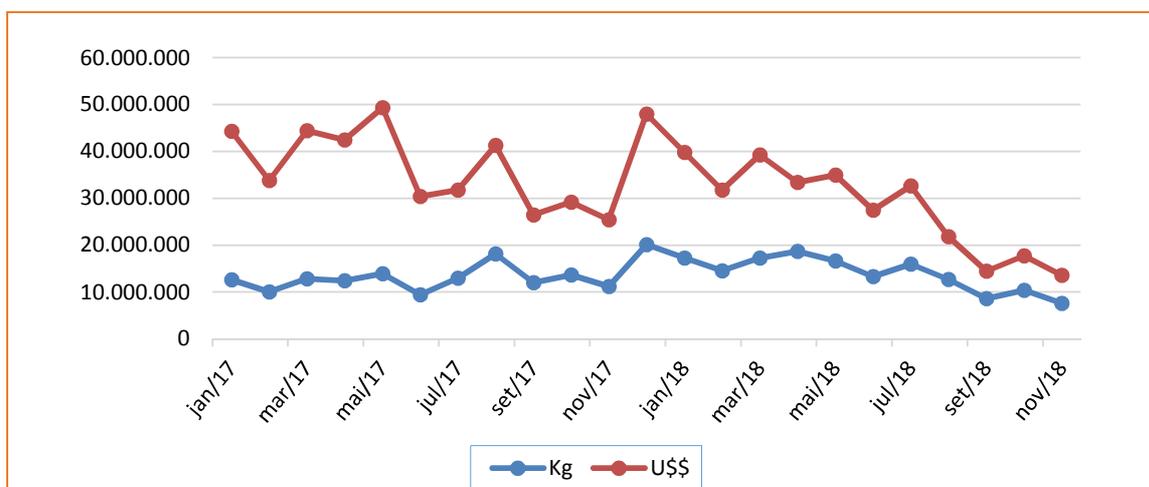
Tabela 1: Alho: Brasil - Importações de 2016-18 (mil t)

Ano	Jan.	Fev.	Mar.	Abr.	Mai	Jun.	Jul.	Ago.	Set.	Out.	Nov.	Dez.	Total
2016	17,01	16,80	16,73	15,43	14,08	15,92	19,95	15,89	11,87	6,03	9,06	14,20	172,97
2017	12,63	10,00	12,79	12,38	13,90	9,43	12,97	18,12	12,02	13,64	11,20	20,12	159,20
2018	17,24	14,53	17,28	18,65	16,67	13,33	15,99	12,70	8,61	10,39	7,59	-	158,98

Fonte: Comexstat/MDIC: dezembro/2018.

Em relação aos preços no mercado internacional do alho, desde junho de 2017 houve redução do preço, com uma pequena recuperação em outubro/17, porém em seguida retomando sequência de baixa.

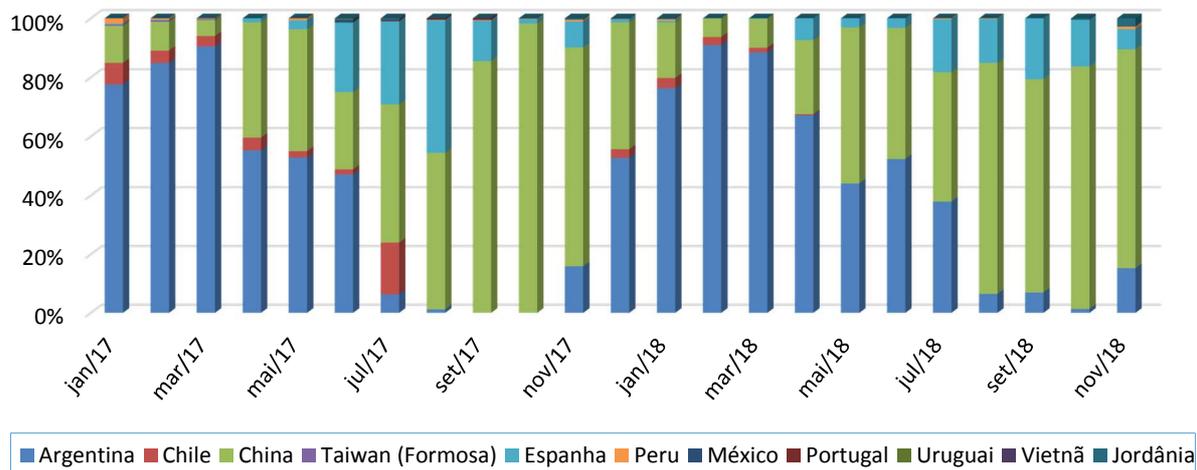
De janeiro a junho de 2017, o preço FOB do alho importado pelo Brasil ficou em média entre US\$ 2,20 e US\$ 2,54/Kg. A partir de julho/17, passou para US\$ 1,44/kg, com quedas constantes, atingindo US\$ 0,67/Kg em setembro de 2018; em outubro houve pequena recuperação, passando para US\$ 0,70/kg e novembro mais uma pequena melhora, alcançando US\$ 0,7862/kg (Figura 1). Portanto, a conjuntura de mercado para a produção catarinense continua desafiadora.



Fonte: Comexstat/MDIC: dezembro/2018.

Figura 1: Alho: Brasil - Volume e valores da importação de alho mês a mês - 2017 e jan-nov./2018

Na figura abaixo, apresenta-se os países fornecedores de alho ao Brasil. No mês de novembro de 2018, o principal fornecedor continuou sendo a China, com 5,6 mil toneladas, perfazendo 74,66 % do total do alho importado no período, seguido pela Argentina, com 1,16 mil toneladas, atingindo 15,46. Espanha, Peru e Jordânia contribuíram com 9,88%, ou seja, pouco mais de 749 toneladas.



Fonte: Comexstat/MDIC: dezembro/2018.

Figura 2. Alho: Brasil - Participação (%) dos países fornecedores de alho ao Brasil - jan. a dez. 2017 e jan.a nov./2018

Cebola

Jurandi Teodoro Gugel
Engenheiro-agrônomo - Epagri/Cepa
jurandgugel@epagri.sc.gov.br

A colheita das lavouras de cebola de variedades precoces já foi finalizada na região do Alto Vale do Itajaí. As demais variedades estão em plena colheita e já atinge 50% do total. Situação semelhante ocorre na região do Tabuleiro.

Nas regiões dos Campos de Lages, Joaçaba e Planalto Norte, com plantios um pouco mais tardios, a colheita iniciou e se estenderá no mês de janeiro, pelo menos.

De acordo com levantamento de campo da Epagri/Cepa, em algumas lavouras isoladas está ocorrendo a incidência do *Yellow spot vírus*. As áreas afetadas apresentam perdas significativas e com casos onde as lavouras foram praticamente dizimadas. As perdas efetivas ainda serão apuradas nos próximos períodos.

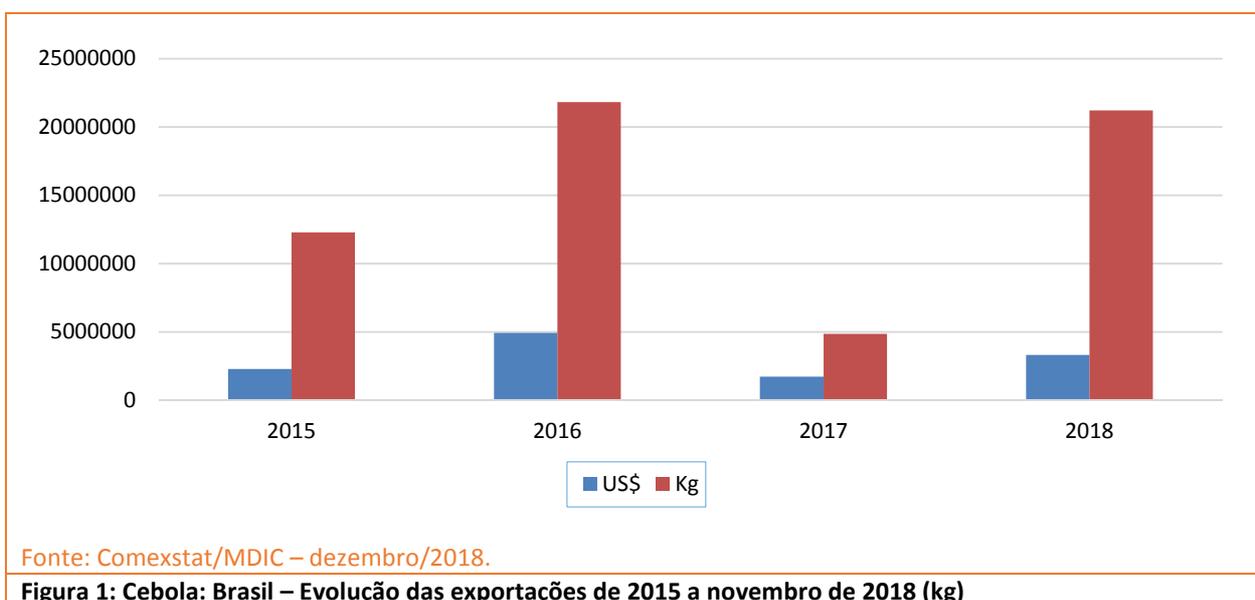
Por outro lado, as expectativas com os resultados da safra são bastante positivas. A oferta de cebola no mercado internacional é muito pequena, provocada pela seca em países europeus tradicionais fornecedores da hortaliça ao Brasil, como Holanda e Espanha. No mercado interno, praticamente a única região a dispor de produto para comercialização é a região Sul.

Dessa forma, os preços ao produtor na lavoura na região do Alto Vale do Itajaí têm ficado entre R\$ 1,30 a R\$ 1,45/Kg na última semana, segundo levantamento da Epagri/Cepa.

A conjuntura é positiva para a cadeia produtiva em Santa Catarina e a melhoria de preços em relação ao mês passado foi de até 61%. Portanto, a tendência é de uma condição muito boa para o mercado nos próximos meses, a princípio.

Também contribui favoravelmente à comercialização da cebola nessa safra a existência da Letec, que desde dezembro de 2017 é um fator que torna a importação de cebola de países fora do Mercosul menos competitiva em relação à produção nacional.

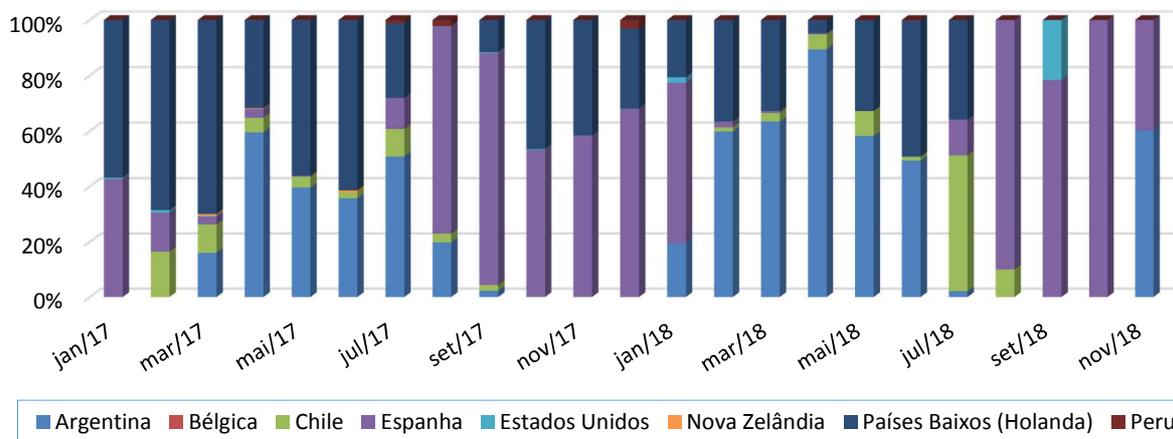
As exportações brasileiras de cebola, de janeiro a novembro de 2018, alcançaram 21,21 mil toneladas, ao valor de US\$ 3,32 milhões, perfazendo uma média de US\$ 0,156/kg (Figura 1).



No mercado atacadista da Central de Abastecimento CEASA/SC, unidade de São José (SC), o preço da cebola iniciou o mês de novembro com preço médio de R\$ 1,38/kg, alcançando R\$ 1,65/kg no final do mês. No mês de dezembro, os preços apresentam novas altas em relação ao final de novembro. O preço alcançado foi de R\$ 1,75/Kg, crescimento de 98,86 % em relação ao final de outubro, por exemplo.

Na CEAGESP, principal central nacional de abastecimento, a cebola finalizou o mês de novembro com preço de R\$ 2,75/Kg, contra R\$ 1,82/kg registrado início do mês de outubro. O aumento foi de 51,09% para a cebola média (Caixa 3).

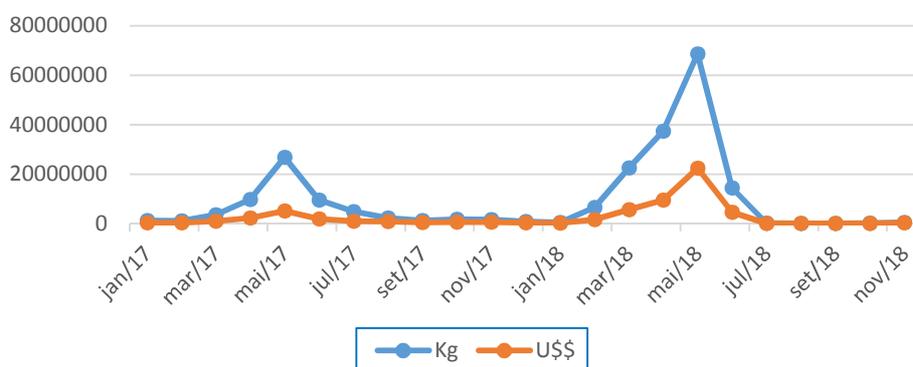
Na primeira semana de dezembro, os preços apresentam pequena alta em relação ao final do mês passado, ficando em R\$ 2,77/Kg.



Fonte: Comexstat/MDIC – dezembro/2018.

Figura 2: Cebola: Brasil - Participação percentual dos países fornecedores – 2017 – jan./nov.-2018

Quanto à importação, no mês de novembro o Brasil recebeu 442,2 toneladas cebola da Argentina e Espanha, a um custo total FOB de US\$ 291,3 mil e um custo médio por kg de US\$ 0,65, contra US\$ 0,64/kg no mês passado.



Fonte: Comexstat/MDIC – dezembro/2018.

Figura 3: Cebola: Brasil – Importação mês a mês - 2017 e jan./out. 2018

Em relação ao comportamento das importações brasileiras de cebola (Figura 3), observa-se que a partir dos meses de maio, junho e julho deste ano houve drástica redução nos volumes, o que se manteve até o mês de novembro, devendo permanecer no próximo período.

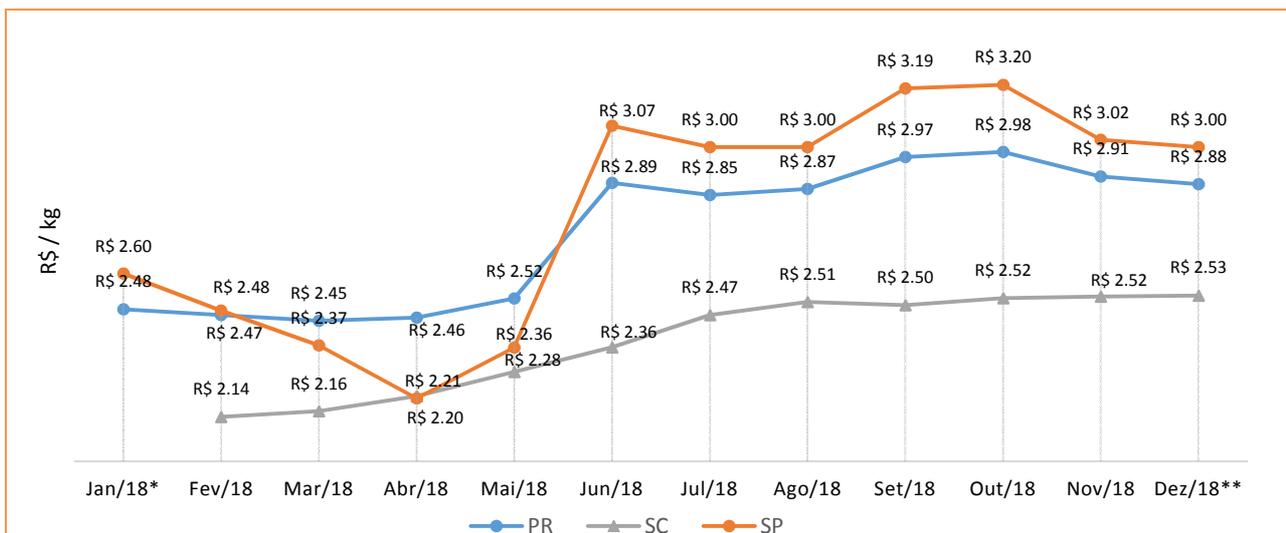
Pecuária

Avicultura

Alexandre Luís Giehl
Engenheiro-agrônomo – Epagri/Cepa
alexandregiehl@epagri.sc.gov.br

Caso não haja nenhuma alteração significativa na segunda quinzena de dezembro, 2018 deve se encerrar com predominância de movimentos de queda no preço do frango vivo na maioria dos estados analisados. No Paraná, a média preliminar de dezembro é 0,86% inferior ao mês anterior, índice muito próximo ao de São Paulo, que registra -0,78%. Apesar dos resultados negativos, percebe-se uma desaceleração do movimento de queda. Santa Catarina, mais uma vez, registra variação positiva no preço médio estadual, embora em percentual bastante reduzido: 0,13%.

Não obstante a ocorrência de baixas no último trimestre, os preços atuais ainda levam ampla vantagem sobre os valores de dezembro de 2017: 20,01% em Santa Catarina, 15,20% no Paraná e 11,11% em São Paulo. De acordo com o IPCA/IBGE, a inflação acumulada nos últimos 12 meses é de 4,05%.



(¹) Refere-se ao custo do frango vivo na integração, posto na plataforma da agroindústria.

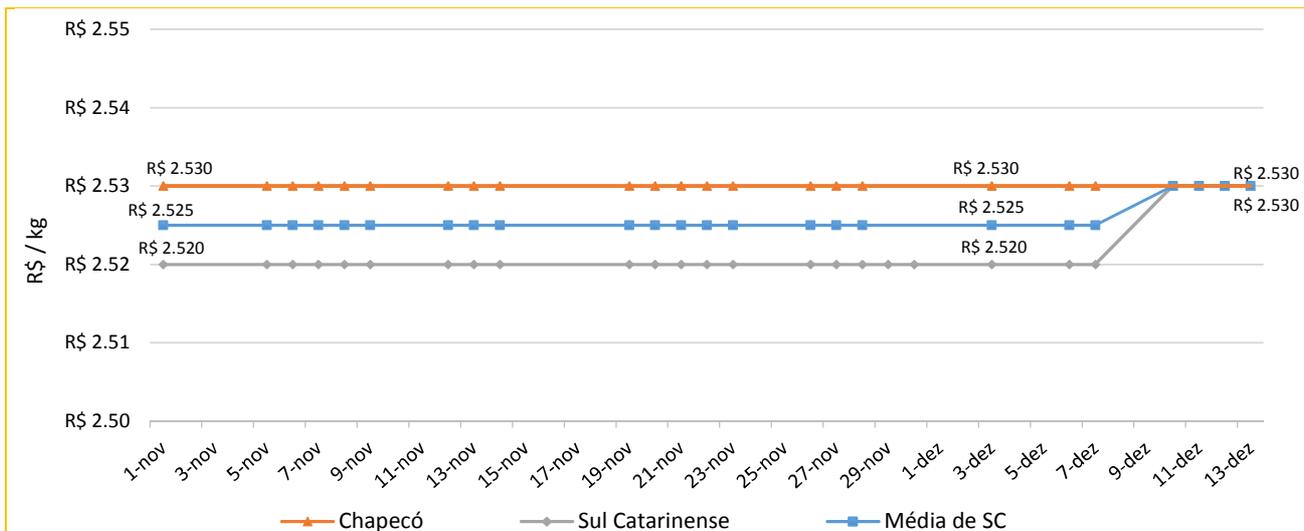
* Não há dados de Santa Catarina para o mês de janeiro/2018.

** Os valores de dezembro são preliminares, relativos ao período de 3 a 13/dez./2018.

Fonte: Epagri/Cepa (SC); IEA (SP); SEAB (PR).

Frango vivo: Santa Catarina, São Paulo e Paraná: – Preço médio nominal⁽¹⁾ mensal pago aos avicultores – 2018

Nas últimas semanas, os preços do frango vivo mantiveram-se inalterados em Chapecó, praça de referência para esse produto. Já no Sul Catarinense, registrou-se um pequeno aumento em dezembro (0,23%), o que fez com que os preços se igualassem nas duas praças.



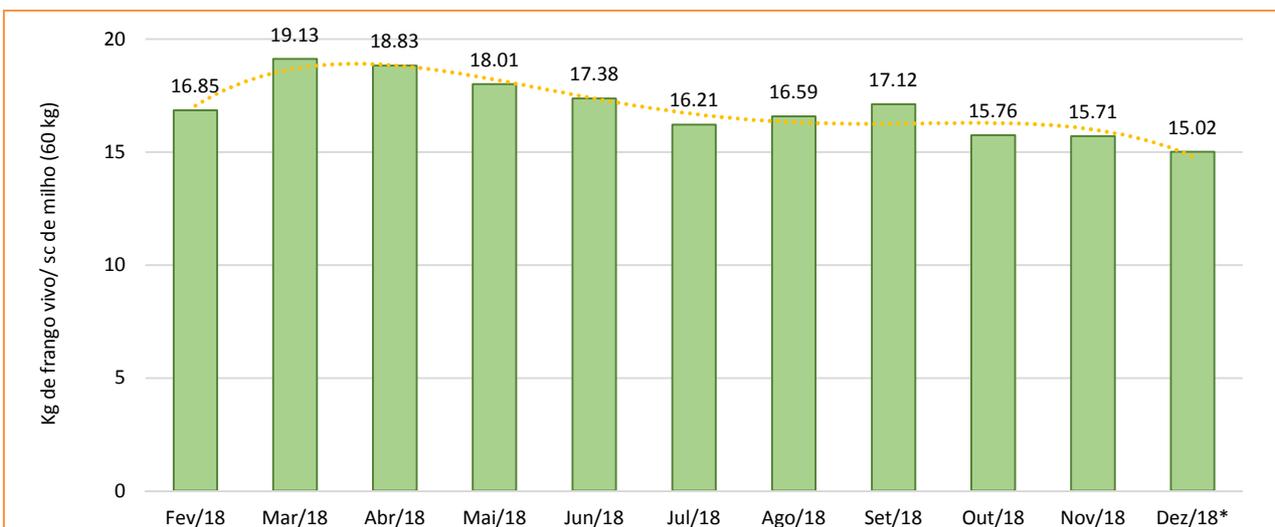
(¹) Refere-se ao custo do frango vivo na integração, posto na plataforma da indústria.

Fonte: Epagri/Cepa.

Frango vivo: Santa Catarina – Preço médio nominal⁽¹⁾ diário pago aos avicultores de duas regiões e média estadual – 1/nov. a 13/dez./2018

Em novembro, o Índice de Custos de Produção do Frango (ICPFrango), calculado pela Embrapa Suínos e Aves, registrou queda de 2,81% em relação ao mês anterior. Apesar desse resultado, esse indicador ainda acumula alta de 14,20% no ano, principalmente em função da elevação dos custos com alimentação (+11,63%) e pintos de um dia (2,18%). A variação acumulada de dezembro de 2017 a novembro de 2018 é de 17,23%.

Mais uma vez a relação de equivalência insumo/produto apresentou queda. Observa-se variação de -4,42% no valor preliminar de dezembro, na comparação com novembro. Essa oscilação é decorrente essencialmente da redução no preço do milho (-4,40%). O valor atual da relação de equivalência é o menor do ano, além de estar 9,30% abaixo do registrado no mesmo mês de 2017.



Para cálculo da relação de equivalência insumo/produto utiliza-se os preços do frango vivo (ao produtor) e do milho (atacado) na praça de Chapecó, SC. Não há dados disponíveis para o mês de janeiro/2018.

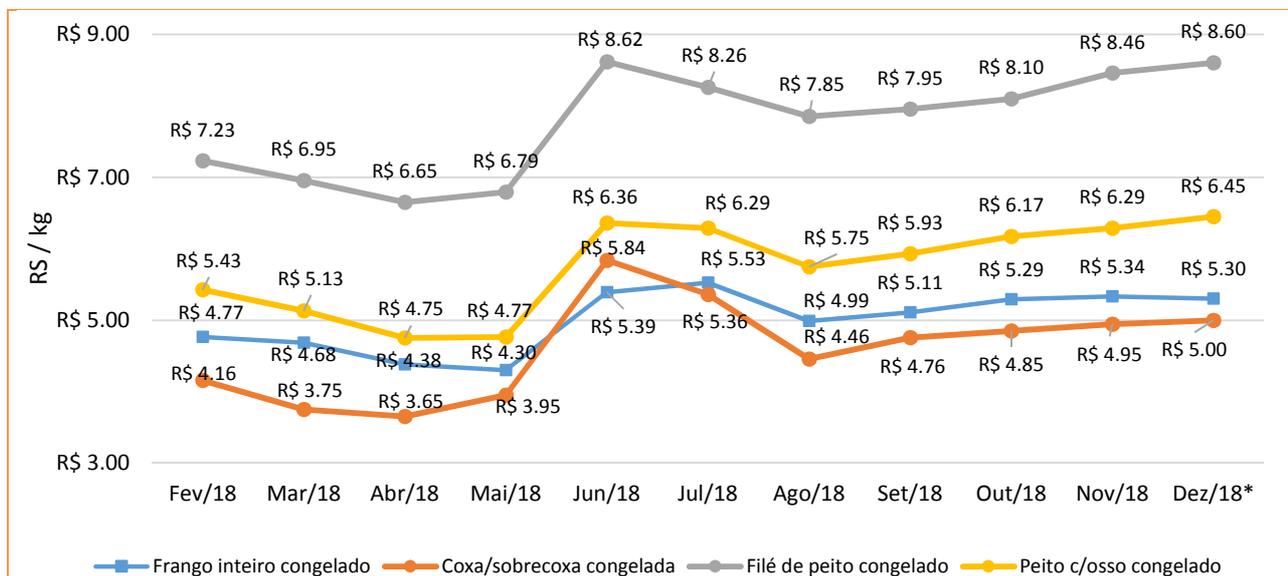
* O valor de dezembro é preliminar, relativo ao período de 3 a 13/dez./2018.

Fonte: Epagri/Cepa.

Santa Catarina: Quantidade de frango vivo necessária para adquirir um saco de milho – 2018

No mercado atacadista predominam os movimentos de alta nos preços preliminares de dezembro. Segundo o levantamento realizado pela Epagri/Cepa, em três cortes observou-se aumento na comparação

com novembro: peito com osso congelado (2,58%), filé de peito congelado (1,71%) e coxa/sobrecoxa congelada (1,10%). Somente o frango inteiro congelado registrou queda (-0,61%), ainda que pouco significativa. Na comparação com dezembro de 2017, os quatro cortes estão em média 13,85% mais caros.



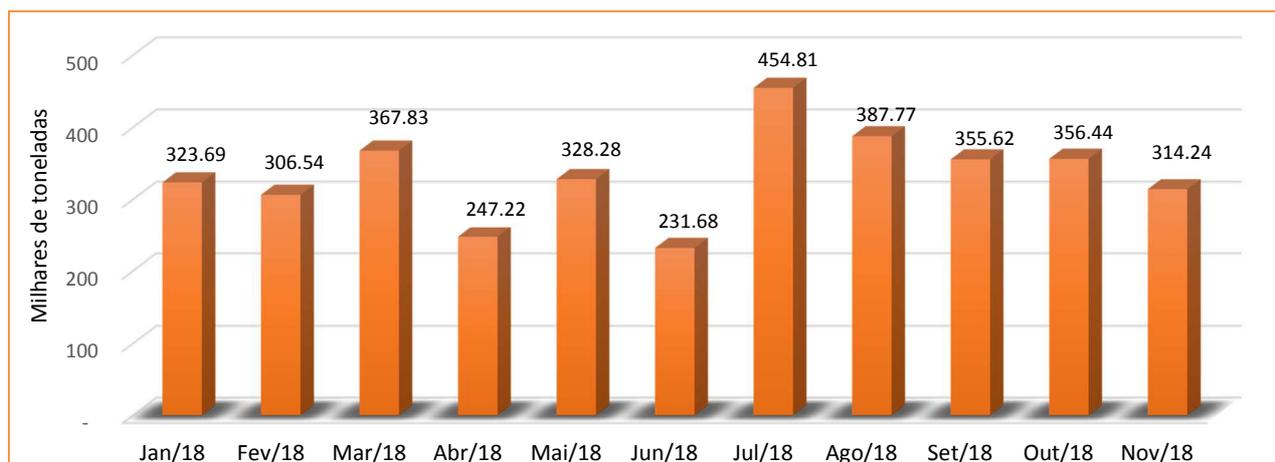
* Os valores de dezembro são preliminares, relativos ao período de 3 a 13/dez./2018.

Fonte: Epagri/Cepa.

Carne de frango: Santa Catarina– Preço médio mensal estadual – Atacado – 2018

Para fins de comparação, no atacado do estado de São Paulo o preço do frango congelado aumentou 5,2%, enquanto a carne resfriada apresentou elevação de 6% de um mês para o outro, de acordo com nota divulgada pelo Cepea.

Em novembro, registrou-se queda na exportação brasileira de carne de frango, como demonstram os dados do Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços (MDIC). Foram exportadas 314,24 mil toneladas de carne de frango (*in natura* e industrializada), 11,84% menos que no mês anterior. Na comparação com novembro de 2017, o resultado também é negativo, mas menos expressivo: -1,20%.



Fonte: MDIC / Comex Stat.

Carne de frango: Brasil - Exportações – 2018

As receitas de novembro atingiram US\$ 518,12 milhões e também tiveram desempenho negativo em ambas as comparações: -8,73% em relação ao mês anterior e -5,66% na comparação com novembro de 2017.

Os principais destinos das exportações brasileiras de carne de frango em novembro foram Arábia Saudita, China, Japão, Emirados Árabes Unidos e Hong Kong, que foram responsáveis por 50,23% das receitas obtidas no período.

No acumulado do ano, as receitas somam US\$ 5,84 bilhões, -11,75% em relação ao mesmo período de 2017. De janeiro a novembro foram embarcadas 3,67 milhões de toneladas, -6,22% em relação ao mesmo período do ano anterior.

De acordo com os dados preliminares do MDIC, na primeira semana de dezembro (5 dias úteis) registrou-se aumento na média diária de embarques de carne de frango *in natura* em relação novembro: 40,27% em valor e 38,83% em quantidade. Na comparação com dezembro de 2017 também se observam aumentos expressivos nas médias diárias: 40,44% em valor e 39,29% em quantidade.

Santa Catarina também registrou queda nas exportações de carne de frango em novembro. De acordo com o MDIC, foram embarcadas 92,61 mil toneladas, -13,72% em relação a outubro. Contudo, na comparação com novembro de 2017 o resultado é fortemente positivo: 30,13% de aumento.



As receitas apresentaram comportamento semelhante à quantidade exportada. O montante de US\$ 161,86 milhões é 7,02% menor que no mês anterior, mas 14,01% acima do que foi registrado em novembro de 2017.

Os cinco principais destinos da carne de frango catarinense foram responsáveis por 51,64% do valor exportado pelo estado em novembro.

Carne de frango: Santa Catarina - Principais destinos das exportações – Novembro/2018		
País	Valor (US\$)	Quantidade (t)
Japão	20.023.033,00	11.759
Arábia Saudita	19.431.628,00	11.469
China	18.316.372,00	11.007
Países Baixos (Holanda)	15.430.892,00	5.477
Emirados Árabes Unidos	10.391.946,00	6.054
Demais países	78.272.029,00	46.841
TOTAL	161.865.900,00	92.607

Fonte: MDIC/Comex Stat.

Em relação a novembro de 2017, a maioria dos países ampliaram suas aquisições de carne catarinense, como é o caso da Arábia Saudita (33,05% em valor e 59,72% em quantidade), China (19,41% em valor e 47,88% em quantidade) e Emirados Árabes Unidos (43,42% em valor e 34,05% em quantidade). Também merecem destaque os resultados positivos de outros importantes destinos, como Alemanha (120,47% em valor e 97,85% em quantidade) e México (126,29% em valor e 91,61% em quantidade).

No acumulado do ano, as receitas com as exportações catarinenses de carne de frango atingiram US\$ 1,63 bilhão, queda de 2,91% na comparação com o mesmo período de 2017. Já em termos de quantidade, de janeiro a novembro foram exportadas 966,93 mil toneladas, aumento de 7,84% em relação ao mesmo período do ano anterior.

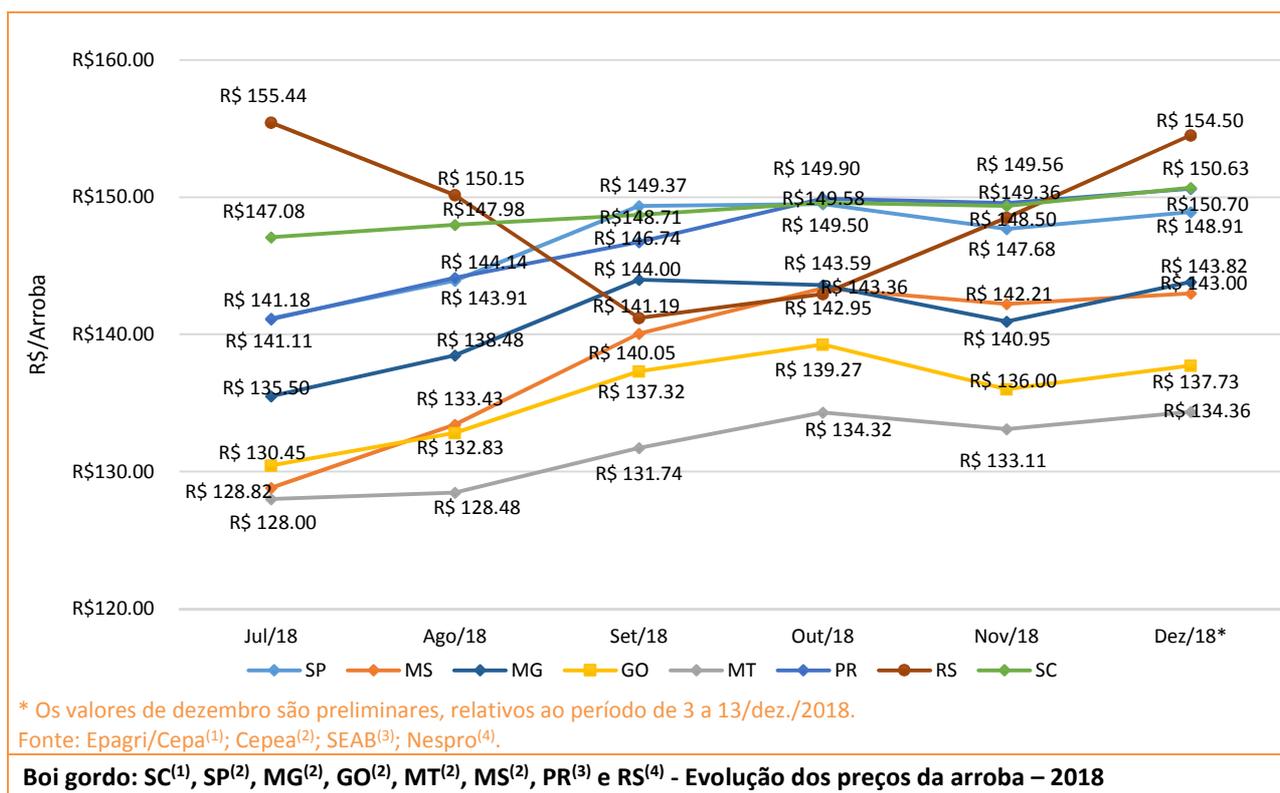
Os resultados catarinenses no ano são influenciados negativamente pela queda nas aquisições do Japão, principal destino do frango de Santa Catarina, além de alguns outros países europeus e asiáticos com saldos negativos na comparação entre o acumulado deste ano e o mesmo período de 2017. Contudo, os índices são favoráveis em relação à China (somente em termos de quantidade), Hong Kong, Arábia Saudita, Emirados Árabes, Iraque e México, entre outros. Ou seja, a China, o Oriente Médio e a América Latina estão "puxando" as exportações catarinenses.

Uma novidade interessante é a habilitação de 26 novas plantas frigoríficas brasileiras para exportar carne de frango para o México, conforme informou o Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa) em meados de novembro. As novas plantas habilitadas estão localizadas no Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul, Minas Gerais, Goiás e Distrito Federal. Com as novas habilitações, 46 plantas de carne de aves brasileiras estão agora autorizadas a exportar para o México. "A expectativa é que a habilitação de novas plantas permita a retomada da tendência de ampliação nas exportações brasileiras de carne de frango para o México", disse o secretário de Relações Internacionais do Agronegócio do Mapa, Odilson Silva.

Bovinocultura

Alexandre Luís Giehl
Engenheiro-agrônomo – Epagri/Cepa
alexandregiehl@epagri.sc.gov.br

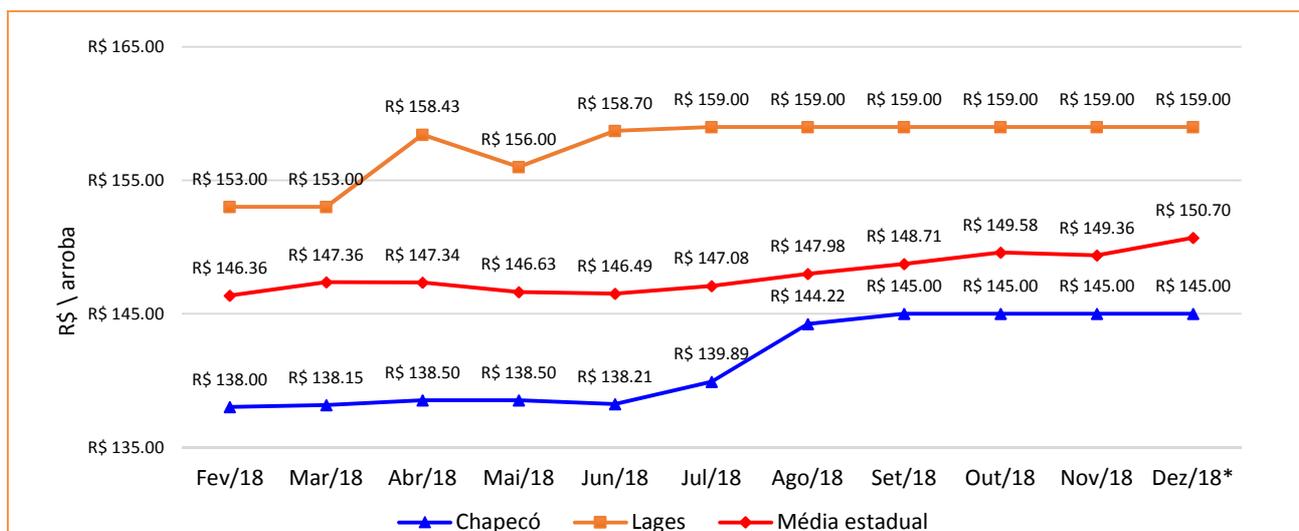
Se no mês passado foram registradas quedas nos preços do boi gordo em quase todos os estados analisados, em dezembro o que predomina são as altas, retomando-se o movimento observado em quase todo o segundo semestre deste ano. Todos os oito estados apresentam variação positiva na comparação com as médias de novembro: Rio Grande do Sul (4,04%), Minas Gerais (2,04%), Goiás (1,27%), Mato Grosso (0,95%), Santa Catarina (0,89%), São Paulo (0,83%), Paraná (0,71%) e Mato Grosso do Sul (0,56%).



Na comparação com dezembro de 2017, o resultado é positivo na maioria dos estados: Mato Grosso do Sul (9,82%), Paraná (7,73%), Rio Grande do Sul (5,48%), Mato Grosso (3,36%), São Paulo (2,34%), Santa Catarina (2,11%) e Minas Gerais (1,90%). O único estado que apresenta defasagem no preço atual em relação a dezembro do ano passado é Goiás, com variação de -2,12%. Nos últimos 12 meses, o IPCA/IBGE registra inflação acumulada de 4,05%.

Os preços preliminares do mês corrente mais uma vez mantiveram-se inalterados nas duas praças de referência para o boi gordo em Santa Catarina (Chapecó e Lages⁴), quando comparados aos valores do mês anterior. Em ambos os casos, os preços atuais estão acima daqueles praticados em dezembro de 2017: 4,69% em Chapecó e 4,61% em Lages.

⁴ A partir da edição nº 61 do Boletim Agropecuário as praças de referência para a bovinocultura passaram a ser Chapecó e Lages (esta última em substituição a Rio do Sul). Essas duas praças representam as mesorregiões catarinenses mais importantes na produção de bovinos para abate: Oeste Catarinense (48,1% do total de animais produzidos em 2017) e Serrana (14,3%). Os preços referentes à praça de Rio do Sul continuarão a ser coletados e divulgados na página eletrônica do Cepa.

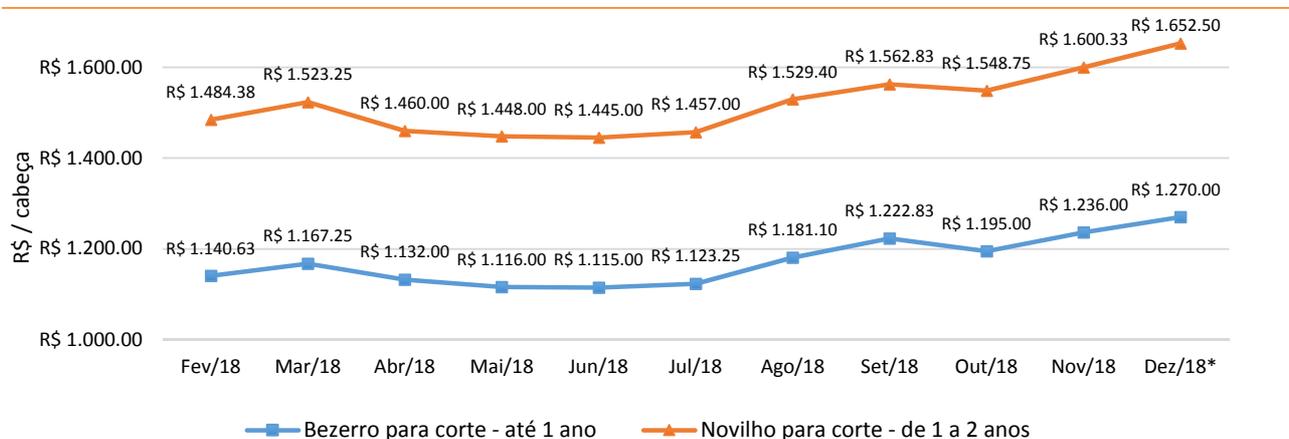


*Os valores de dezembro são preliminares, relativos ao período de 3 a 13/dez./2018.

Fonte: Epagri/Cepa.

Boi gordo: Santa Catarina - Evolução do preço médio mensal nas praças de referência e média estadual – 2018

Assim como já ocorreu em novembro, o mercado de animais de reposição novamente registra altas nos preços preliminares deste mês. Os bezerros de até 1 ano estão 2,75% mais caros que no mês anterior, enquanto os novilhos de 1 a 2 anos registram aumento de 3,26%. Na comparação com os preços praticados em dezembro de 2017, observam-se variações bastante expressivas para ambas as categorias: 11,49% para os bezerros e 12,08% para novilhos.

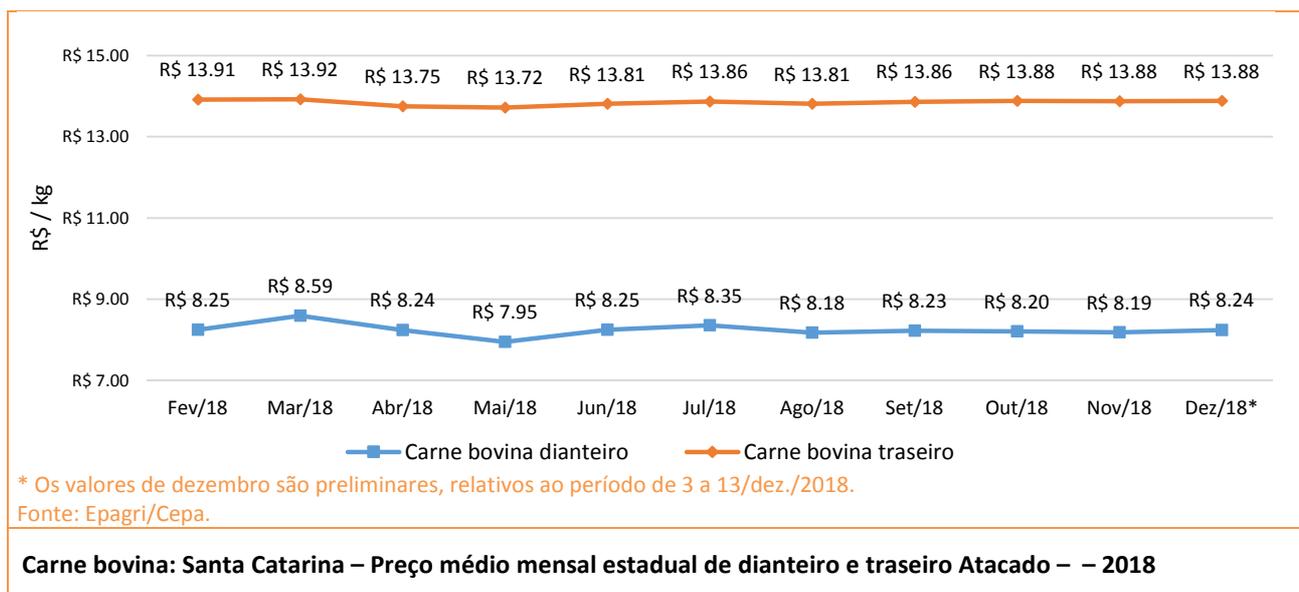


* Os valores de dezembro são preliminares, relativos ao período de 3 a 13/dez./2018.

Fonte: Epagri/Cepa.

Bezerros e novilhos para corte: Santa Catarina - Evolução do preço médio estadual- 2018

O mercado atacadista segue sem muitas novidades, com variações pouco significativas em todos os cortes analisados e predominância dos movimentos de alta. A carne de traseiro não registrou alteração no preço médio preliminar de dezembro em relação ao mês anterior. Contudo, na comparação com dezembro de 2017, o valor atual apresenta defasagem de 1,62%. A carne de dianteiro, por sua vez, apresenta alta de 0,66% em relação ao mês anterior e queda de 0,79% na comparação com dezembro de 2017.



Carne bovina: Santa Catarina – Preço médio mensal estadual de dianteiro e traseiro Atacado – 2018

As exportações brasileiras de carne bovina mantêm-se relativamente estáveis no segundo semestre. Em novembro, foram embarcadas 157,99 mil toneladas (in natura, industrializada e miudezas), queda de 2,09% em relação ao mês anterior, apontam os dados do Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços (MDIC). Contudo, quando comparado a novembro de 2017, observa-se crescimento de 12,01%.



Carne bovina: Brasil - Exportações – 2018

As receitas também apresentaram situação semelhante: foram gerados US\$ 617,78 milhões em divisas, queda de 0,26% em relação ao mês anterior, mas crescimento de 4,76% na comparação com novembro de 2017.

No acumulado do ano, foram exportadas 1,49 milhão de toneladas, aumento de 10,69% em relação ao mesmo período de 2017. As receitas somam US\$ 5,97 bilhões, valor 8,28% superior ao ano anterior.

Os cinco principais destinos externos da carne bovina brasileira responderam por 65,97% das receitas de novembro. A China continua sendo a grande responsável pelo bom desempenho da carne bovina nas exportações brasileiras. O país aumentou em 63,16% a quantidade de carne bovina importada do Brasil, quando se compara novembro com o mesmo mês de 2017. Também se destacam o crescimento das exportações para o Chile (29,23% em valor e 44,60% em quantidade), Arábia Saudita (48,18% em valor e 71,81% em quantidade) e Emirados Árabes Unidos (77,51% em valor e 116,86% em quantidade).

Carne bovina Brasil: Principais destinos das exportações – Novembro/2018

País	Valor (US\$)	Quantidade (t)
China	161.392.292,00	35.505
Hong Kong	125.485.615,00	35.570
Egito	52.037.437,00	18.540
Chile	43.364.801,00	11.127
Irã	25.236.158,00	6.776
Demais países	210.251.485	50.471
Total	617.767.788,00	157.989

Fonte: MDIC / Comex Stat.

Em relação a novembro, a primeira semana de dezembro (5 dias úteis) registrou queda na média diária de embarques de carne bovina *in natura*: -3,05% em valor e -1,12% em quantidade, segundo os dados preliminares do MDIC. Na comparação com dezembro de 2017, por outro lado, observam-se variações positivas: 8,35% em valor e 18,92% em quantidade.

As exportações catarinenses de carne bovina voltam a registrar números negativos. Em novembro, foram embarcadas 343,61 toneladas, -19,57% em relação ao mês anterior e -30,48% acima na comparação com novembro de 2017. As receitas foram de US\$ 996,88 mil, 18,29% menos que no mês anterior e 37,02% abaixo de novembro de 2017.

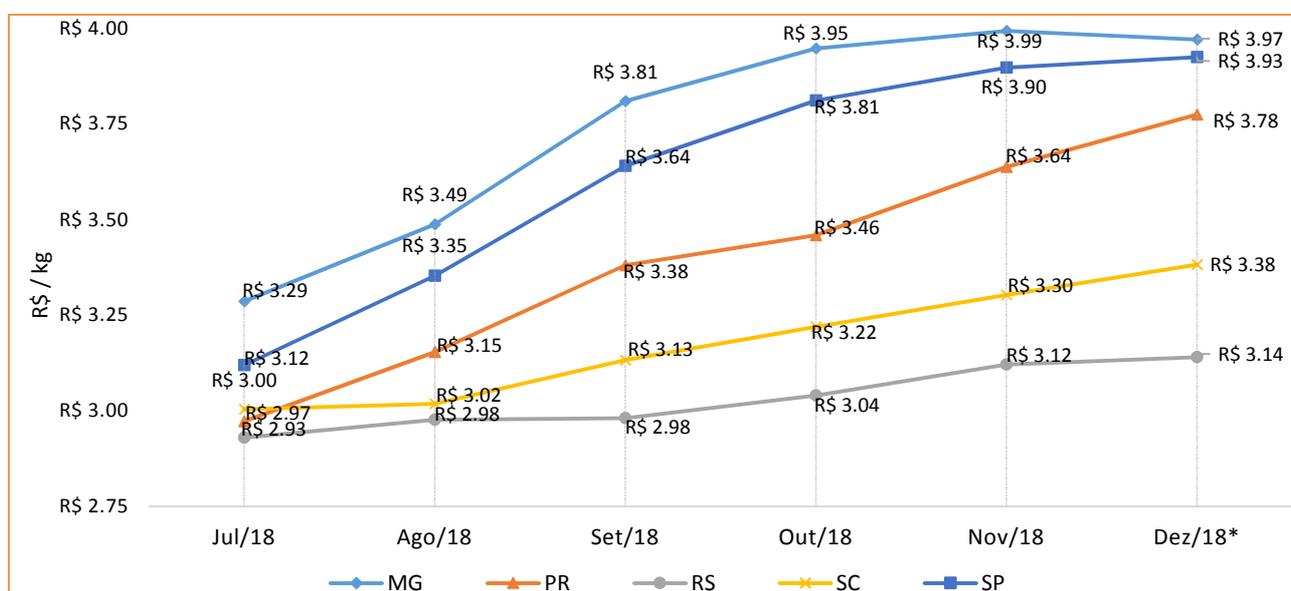
No acumulado do ano, Santa Catarina exportou 4,37 mil toneladas de carne bovina, com receitas de US\$ 13,68 milhões, aumento de 100,39% em valor e 109,17% em quantidade, quando comparado ao mesmo período do ano anterior.

Suinocultura

Alexandre Luís Giehl
Engenheiro-agrônomo – Epagri/Cepa
alexandregiehl@epagri.sc.gov.br

Os preços do suíno vivo mantêm o movimento de recuperação iniciado em meados deste ano, não obstante uma desaceleração no ritmo de aumento na maioria dos estados analisados. Em relação a novembro, os preços preliminares de dezembro registram variação de 3,77% no Paraná, 2,39% em Santa Catarina, 0,69% em São Paulo e 0,62% no Rio Grande do Sul. O único estado em que se observa resultado negativo é Minas Gerais, com queda de 0,57%.

Apesar dos aumentos verificados nos últimos meses, na comparação com dezembro de 2017 a maioria dos estados ainda apresentam defasagens: -6,49% no Rio Grande do Sul, -2,30% em Minas Gerais e -1,93% em Santa Catarina. Variações positivas no período são observadas no Paraná (6,31%) e em São Paulo (0,87%). De acordo com o IPCA/IBGE, a inflação acumulada nos últimos 12 meses foi de 4,05%.



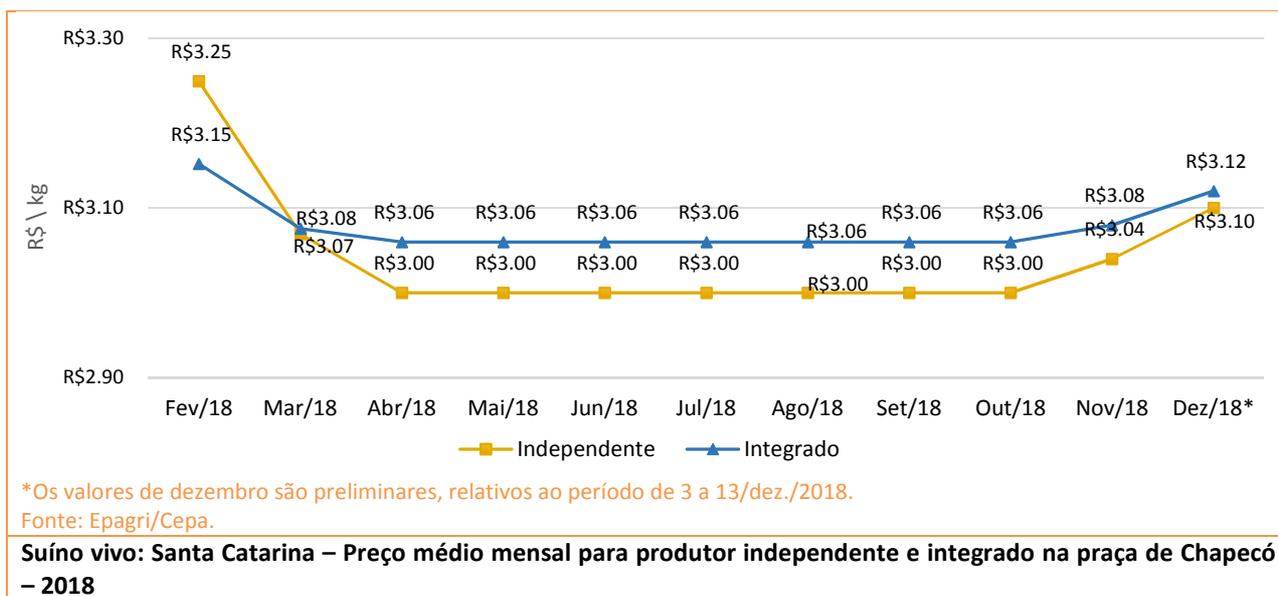
* Não há dados disponíveis para o estado de Santa Catarina em janeiro de 2018.

** Os valores de dezembro são preliminares, relativos ao período de 3 a 13/dez./2018.

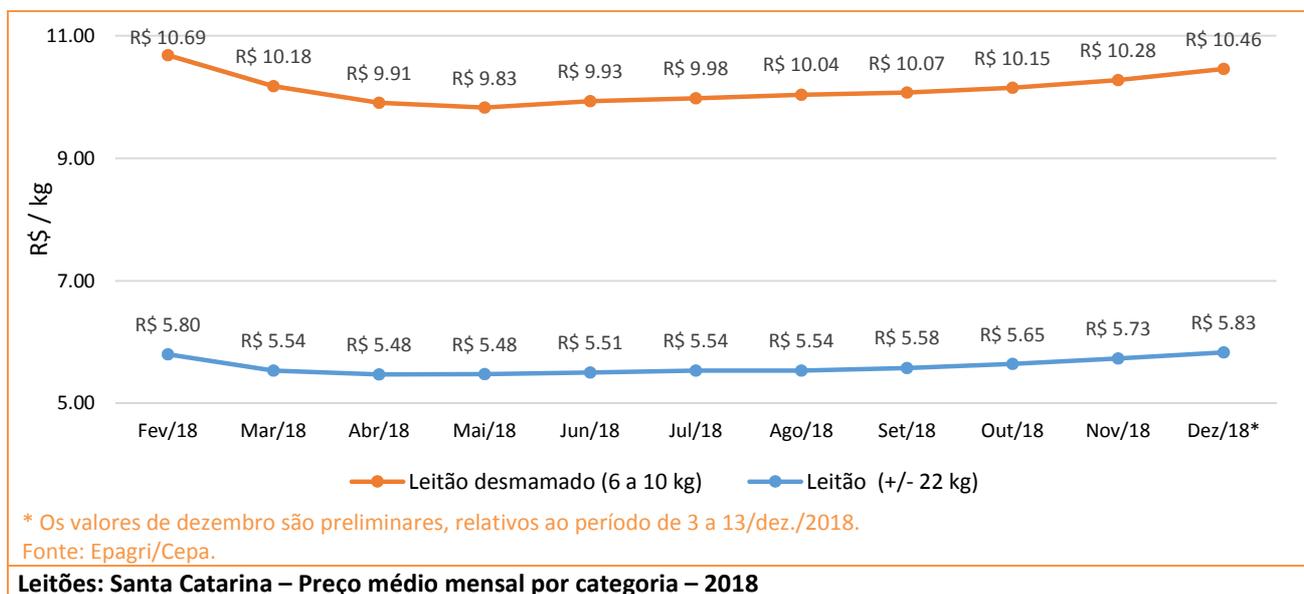
Fonte: Cepea (MG, PR, RS e SP) e Epagri/Cepa (SC).

Suíno vivo – Evolução do preço pago nos principais estados produtores (R\$/kg de suíno vivo) – 2018

Depois de sete meses, em novembro os preços do suíno vivo finalmente apresentaram alteração em Chapecó, praça de referência para esse produto. Em relação a outubro, os preços de novembro aumentaram 1,33% para os produtores independentes e 0,65% para os integrados. Os preços preliminares de dezembro registram novos aumentos: 1,97% para os independentes e 1,30% para os integrados. Apesar dessas altas nos últimos dois meses, na comparação com os preços pagos em dezembro de 2017 ainda se observam defasagens: -7,46% para os produtores independentes e -6,02% para os integrados.

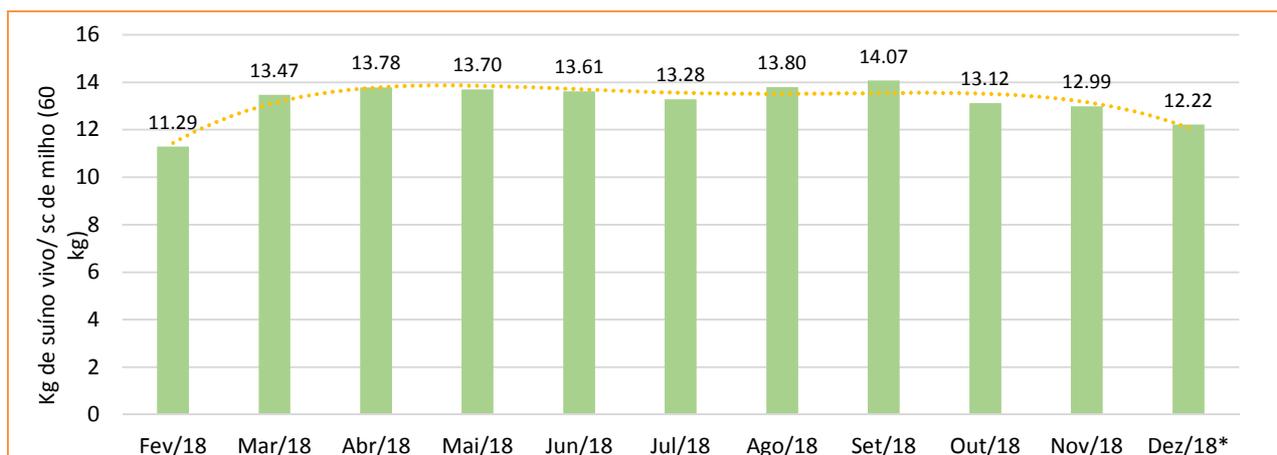


Os preços dos leitões mantêm a tendência de alta iniciada no segundo trimestre deste ano. O preço preliminar de dezembro dos leitões de 6 a 10kg está 1,78% acima do registrado em novembro. Os leitões com +/-22kg apresentam variação muito semelhante: 1,74%. Contudo, na comparação com dezembro de 2017, ambas as categorias estão com os preços defasados: -5,27% e -3,90% para leitões de 6 a 10kg e de +/-22kg, respectivamente.



Em novembro, o Índice de Custos de Produção do Suíno (ICPSuíno/Embrapa) mais uma vez registrou queda em relação ao mês anterior, dessa vez de 2,18%. No entanto, apesar dessa queda, no acumulado do ano o índice apresenta alta de 11,19%, essencialmente em função da elevação dos custos com alimentação (10,97%). A variação acumulada nos últimos 12 meses é de 11,64%.

Pelo terceiro mês consecutivo a relação de equivalência insumo/produto apresenta queda em relação ao mês anterior. O valor preliminar de dezembro (12,22) é 5,94% inferior ao registrado em novembro. Essa vez, a queda é resultante tanto da redução no preço da saca de milho (-4,40%) quanto do aumento no preço do suíno vivo na praça de Chapecó (1,63%). Não obstante o predomínio do movimento de baixa no último trimestre, o valor atual da relação de troca ainda está 23,78% acima daquela registrada em dezembro de 2017.



Para o cálculo da relação de equivalência insumo/produto, utiliza-se a média entre o preço para o produtor independente e produtor integrado do suíno vivo. No caso do milho, leva-se em consideração o preço de atacado do produto. Ambos os produtos têm como referência os preços da praça de Chapecó/SC. Não há dados disponíveis para o mês de janeiro.

* O valor de dezembro é preliminar, relativo ao período de 3 a 13/dez./2018.

Fonte: Epagri/Cepa.

Chapecó/SC: Quantidade necessária de suíno vivo para adquirir um saco de milho (60kg) – 2018

Após vários meses de predomínio das variações negativas, na primeira quinzena de novembro a maioria dos preços de atacado dos cortes suínos registraram altas. Dos cinco cortes acompanhados pela Epagri/Cepa, três apresentam elevação na comparação com o mês anterior: carcaça (4,05%), lombo (2,79%), costela (1,63%) e pernil (0,63%). O único corte que apresenta queda é o carré: -2,68%.

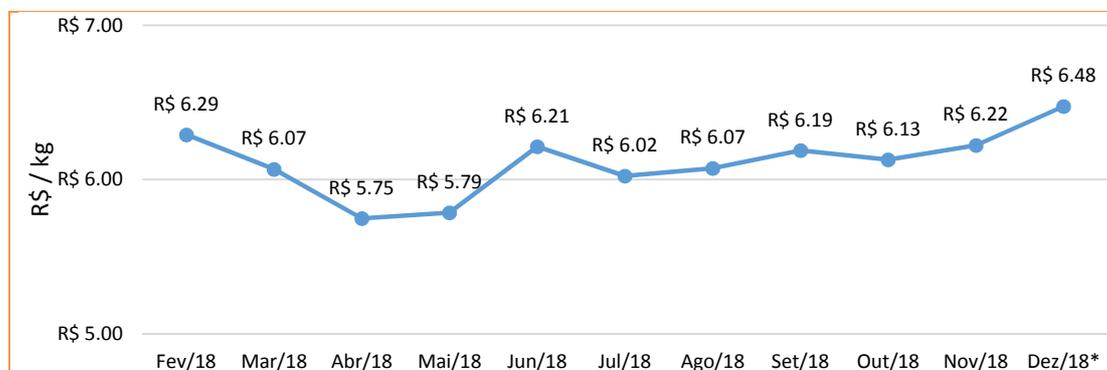
Carne suína: Santa Catarina – Preço médio estadual no atacado – 2018

Produto	Outubro/18	Novembro/18	Dezembro/18*
Carré (sem couro)	R\$ 7,94	R\$ 8,11	R\$ 7,78
Costela (sem couro)	R\$ 11,54	R\$ 11,80	R\$ 12,37
Lombo	R\$ 10,69	R\$ 10,77	R\$ 11,16
Carcaça	R\$ 6,13	R\$ 6,22	R\$ 6,44
Pernil (com osso e couro)	R\$ 7,13	R\$ 7,30	R\$ 7,51

* Os valores de dezembro são preliminares, relativos ao período de 3 a 13/dez./2018.

Fonte: Epagri/Cepa.

O gráfico apresentado na sequência traz a evolução do preço médio estadual no atacado da carcaça suína ao longo de 2018. Como é possível perceber, no segundo semestre o movimento de alta foi predominante.



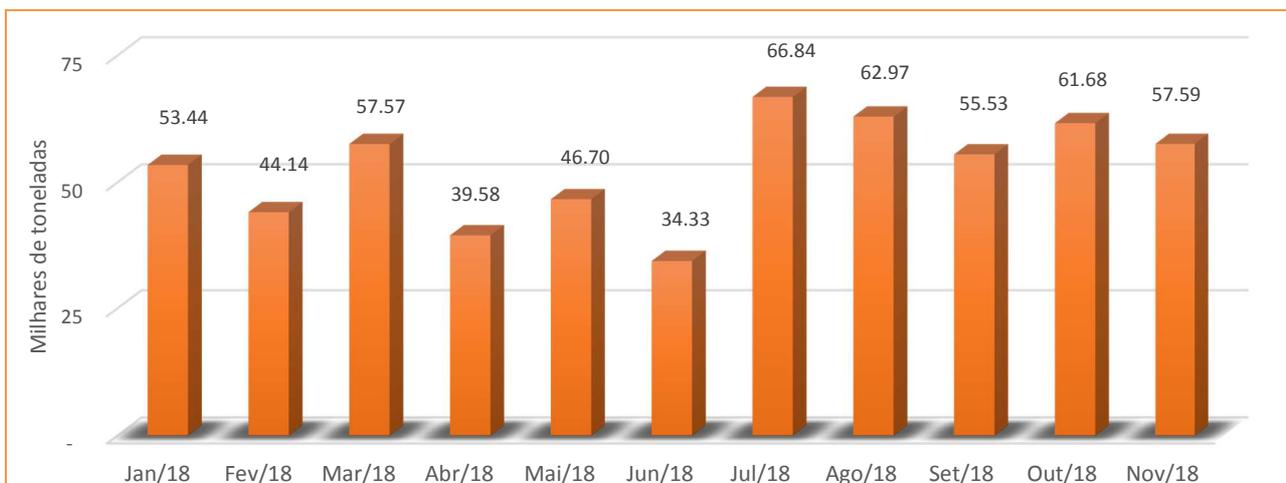
* O valor de dezembro é preliminar, relativo ao período de 3 a 13/dez./2018.

Fonte: Epagri/Cepa.

Carne suína: Santa Catarina – Preço médio mensal estadual da carcaça no atacado – 2018

Segundo o Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (Cepea), “o aumento nos preços da carne suína se deve à redução na oferta de animais para abate, em decorrência da saída de produtores da atividade e ao melhor desempenho das exportações brasileiras da proteína”. Ainda de acordo com aquela entidade, o preço da carcaça suína especial na Grande São Paulo subiu 7,19% em novembro.

Após uma breve alta em outubro, em novembro novamente registraram-se números negativos nas exportações de carne suína do Brasil. De acordo com o Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços (MDIC), no mês passado foram embarcadas 57,59 mil toneladas de carne suína (*in natura*, industrializada e miúdos), queda de 6,63% em relação ao mês anterior. Contudo, na comparação com novembro de 2017 observa-se crescimento de 7,84%.



Fonte: MDIC / Comex Stat.

Carne suína: Brasil - Exportações – 2018

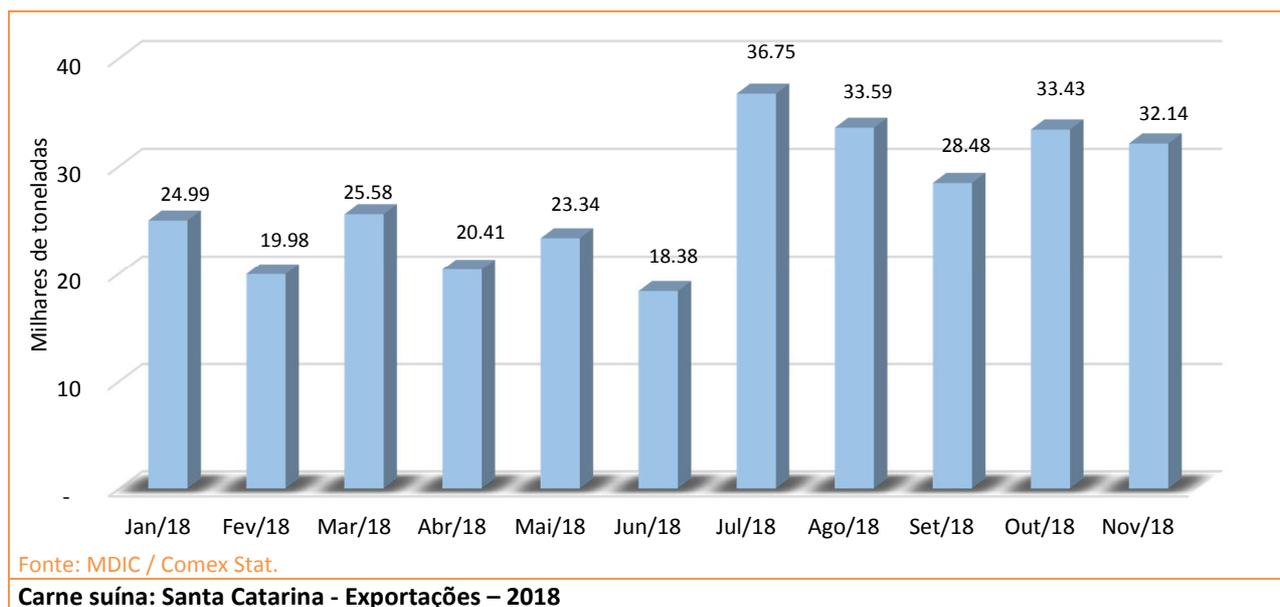
Pelo lado das receitas, a situação também não é muito favorável. Em novembro foram gerados US\$ 103,69 milhões, -7,02% em relação ao mês anterior e -16,47% na comparação com novembro de 2017.

No acumulado do ano, foram exportadas 580,36 mil toneladas, queda de 8,08% em relação ao mesmo período do ano anterior. As receitas atingiram US\$ 1,09 bilhão, montante 27,35% abaixo do que foi exportado de janeiro a novembro de 2017.

Os cinco principais destinos externos da carne suína brasileira em novembro foram, nesta ordem: China, Hong Kong, Chile, Argentina e Cingapura, que responderam por 66,26% das receitas. Para a China foram exportadas 12,80 mil toneladas, crescimento de 350,57% em relação a novembro de 2017. Embora este montante esteja abaixo das 20,48 mil toneladas importadas pela Rússia no mesmo mês do ano passado, ao menos ameniza os efeitos do embargo russo.

Os dados do MDIC demonstram que na primeira semana de dezembro (5 dias úteis) houve pouca variação na média diária de embarques de carne suína *in natura*: aumento de 0,49% em termos de valor e queda de 1,12% em quantidade, na comparação com as médias diárias do mês anterior. Na comparação com dezembro de 2017, embora também se observe comportamento distinto de acordo com o parâmetro analisado, as diferenças são um pouco mais significativas: queda de 6,70% em valor e aumento de 12,96% em quantidade.

Não obstante uma pequena queda no mês passado, as exportações catarinenses de carne suína apresentam cenário mais favorável que o nacional. Em novembro, foram embarcadas 32,14 mil toneladas, -3,86% em relação a outubro. Contudo, quando comparado a novembro de 2017, observa-se crescimento de 60,98% nos embarques.



Apesar da queda na quantidade, as receitas cresceram em novembro. O montante de divisas geradas foi de US\$ 58,19 milhões, 2,91% acima do mês anterior e 33,65% mais que novembro de 2017.

Santa Catarina foi responsável por 55,81% do total de carne suína exportada pelo Brasil no último mês, além de 56,12% das receitas.

No acumulado do ano, Santa Catarina exportou 297,08 mil toneladas de carne suína, crescimento de 17,38% em relação ao mesmo período do ano passado. As receitas são de US\$ 554,29 milhões, queda de 6,02% em relação a 2017. Essa dissintonia entre quantidade e valor deve-se essencialmente ao fato da tonelada exportada para a China ter preço médio um pouco inferior ao que era obtido com as exportações para a Rússia.

A principal razão para o desempenho relativamente bom de Santa Catarina, diante de um cenário nacional preponderantemente negativo, é a China. No acumulado de 2018, o incremento das exportações para aquele país foi de 188,47% em quantidade e 180,53% em valor, na comparação com o mesmo período de 2017. Outro fator a ser considerado é que quase todos os principais importadores de carne suína catarinense ampliaram suas compras este ano em relação ao anterior.

Os cinco principais destinos das exportações catarinenses em outubro foram responsáveis por 72,89% das receitas e 73,27% da quantidade.

Carne suína: Santa Catarina - Principais destinos das exportações – Novembro de 2018

País	Valor (US\$)	Quantidade (t)
China	18.499.847,00	9.634
Chile	9.261.141,00	4.874
Hong Kong	6.633.665,00	3.911
Argentina	5.675.000,00	2.872
Angola	2.345.058,00	2.257
Outros países	15.777.003,00	8.590
Total	58.191.714,00	32.138

Fonte: MDIC / Comex Stat.

Todos os importadores de carne suína catarinense registraram variação positiva em termos de quantidade, quando se compara novembro com o mesmo mês de 2017. Em termos de receitas, dos 15 maiores importadores somente Hong Kong e Uruguai apresentaram resultados negativos nesse período (-2,89% e -6,58%, respectivamente). Mais uma vez, o destaque fica por conta da China, que aumentou suas aquisições de carne suína catarinense em 309,49% em valor e 295,53% em quantidade. O Chile também apresentou crescimento expressivo (107,45% em valor e 159,32% em quantidade).

Leite

Tabajara Marcondes
 Engenheiro-agrônomo, M.Sc. – Epagri/Cepa
tabajara@epagri.sc.gov.br

Os preços dos lácteos seguem uma trajetória de redução, levando consigo os preços pagos aos produtores. Com variações entre regiões, empresas e produtores, as quedas estão sendo generalizadas. As reuniões dos Conseleites são oportunidades para se conhecer com mais detalhe o quadro geral de mercado.

No caso do Conseleite/SC, os participantes corriqueiros das reuniões tomam conhecimento de algumas razões para esses movimentos e de algumas tendências para os meses vindouros. Portanto, não devem estar surpresos com os resultados das últimas reuniões, caracterizadas por sistemáticas reduções de preços. Com isso, o preço de referência do leite padrão projetado para dezembro/18 (R\$ 1,1240), que sinaliza o preço a ser pago aos produtores em janeiro/19, é 20% inferior ao preço de referência máximo do ano, de R\$ 1,4050/litro, alcançado em julho. Apesar desta queda, o preço de 2018 é sensivelmente melhor do que o de 2017 (Tabela 1).

Leite padrão: Santa Catarina - Preços de referência do Conseleite - 2015-18						
Mês	R\$/litro na propriedade com Funrural incluso				Var. %	
	2015	2016	2017	2018	2017/16	2018/17
Janeiro	0,7744	0,9546	1,0783	0,9695	13,0	-10,1
Fevereiro	0,7866	1,0154	1,1096	1,0128	9,3	-8,7
Março	0,8614	1,0652	1,1412	1,0857	7,1	-4,9
Abril	0,8843	1,1166	1,1693	1,1295	4,7	-3,4
Maio	0,8875	1,1430	1,1733	1,1522	2,7	-1,8
Junho	0,9347	1,3363	1,1394	1,3454	-14,7	18,1
Julho	0,9278	1,5500	1,0617	1,4050	-31,5	32,3
Agosto	0,9131	1,3248	1,0189	1,2997	-23,1	27,6
Setembro	0,8978	1,1051	0,9374	1,2582	-15,2	34,2
Outubro	0,9024	1,0461	0,9550	1,2351	-8,7	29,3
Novembro	0,9308	0,9993	0,9977	1,1358	-0,2	13,8
Dezembro	0,9387	1,0333	0,9788	1,1240	-5,3	14,8
Média	0,8866	1,1408	1,0634	1,1794	-6,8	10,9

Dezembro/2018: Valor projetado

Fonte: Conseleite/SC

Por conta da mudança de mercado, como em 2017, quando houve até tentativa de proibir as importações de lácteos provenientes do Uruguai, intensificaram-se as manifestações de agentes da cadeia leiteira, relacionando o decréscimo dos preços com as importações brasileiras de lácteos. Os números não corroboram isso.

Primeiro, porque, embora significativa nos meses de outubro e novembro, a quantidade de lácteos importada no período de janeiro a novembro de 2018 sequer alcança o mesmo patamar de 2017, que já foi bem menor que a do mesmo período de 2016. Ou seja, em termos quantitativos e relevando o comportamento sazonal, o mercado interno está sendo menos pressionado pelas importações em 2018 do que o foi em 2017 e, principalmente, em 2016. Assim, mesmo com o decréscimo das exportações brasileiras, o saldo negativo da balança de lácteos de 2018 não deverá ser muito diferente em relação ao de 2017 (Tabela 2).

Tabela 2. Brasil - Balança comercial de lácteos⁽¹⁾ – 2016-18

Mês	Milhão de kg								
	Importação			Exportação			Saldo		
	2016	2017	2018	2016	2017	2018	2016	2017	2018
Janeiro	8,4	19,0	8,4	2,3	3,9	2,1	-6,1	-15,1	-6,3
Fevereiro	7,5	16,3	10,3	6,2	3,6	2,3	-1,3	-12,7	-8,1
Março	16,9	15,5	9,0	2,5	4,6	2,2	-14,4	-10,8	-6,8
Abril	21,2	13,5	12,0	2,5	1,6	1,3	-18,7	-11,9	-10,6
Maiο	25,8	17,7	13,4	3,2	2,3	0,7	-22,6	-15,4	-12,7
Junho	25,2	17,3	11,1	3,2	3,6	1,0	-22,0	-13,7	-10,0
Julho	23,9	16,0	13,8	3,7	2,3	1,1	-20,2	-13,7	-12,7
Agosto	25,7	13,5	13,3	6,0	2,9	2,0	-19,6	-10,6	-11,2
Setembro	28,9	10,4	11,9	6,9	2,5	2,7	-22,0	-7,9	-9,2
Outubro	19,2	9,0	18,5	5,3	2,3	1,9	-13,9	-6,7	-16,6
Novembro	20,6	9,1	17,9	6,2	4,3	2,2	-14,4	-4,8	-15,7
Até nov.	223,2	157,3	139,6	48,1	33,8	19,6	-175,1	-123,4	-120,0
Dezembro	19,4	9,1		4,5	2,2		-14,9	-6,9	0,0
Total anual	242,6	166,3		52,6	36,0		-190,0	-130,3	

⁽¹⁾ Posição - SH 4 dígitos: 0401 a 0406

Fonte: MDIC/Secex – Comex Stat

Segundo, e principalmente, porque o decréscimo das importações/manutenção do saldo comercial negativo tem sido acompanhado de redução na quantidade de leite recebida pelas indústrias inspecionadas no País (Tabela 3).

Tabela 3. Leite cru - Quantidade adquirida pelas indústrias inspecionadas - 2014-18

UF	Milhão de litro						Var. até set. 18/17 (%)
	2014	2015	2016	2017	jan/set 17	jan/set 18	
MG	6.590	6.442	6.106	5.990	4.378	4.401	0,5
RS	3.431	3.488	3.250	3.426	2.513	2.488	-1,0
PR	2.972	2.838	2.744	2.935	2.145	2.249	4,8
SP	2.525	2.607	2.559	2.872	2.106	2.007	-4,7
SC	2.340	2.348	2.438	2.758	1.974	1.958	-0,8
GO	2.685	2.450	2.313	2.465	1.804	1.803	-0,1
RO	760	699	700	699	501	471	-6,0
RJ	512	540	558	599	448	408	-8,9
MT	618	548	522	528	383	370	-3,4
BA	364	332	320	361	256	313	22,3
Subtotal	22.797	22.294	21.511	22.632	16.509	16.468	-0,2
Outras UF	1.950	1.768	1.659	1.701	1.280	1.285	0,4
Brasil	24.747	24.062	23.170	24.334	17.789	17.753	-0,2

2018 -Dados preliminares.

Fonte: IBGE - Pesquisa Trimestral do Leite.

Dado que não a oferta total e, menos ainda, as importações que explicam essas flutuações de preços, e que a demanda interna só deverá se recuperar de maneira consistente quando a economia andar bem melhor que atualmente e até do que se vislumbra para 2019, parece mais razoável gastar energia e direcionar os esforços setoriais para tratar da formação de estoques públicos e privados de alguns lácteos nos momentos de excesso de oferta, do que com as importações provenientes dos países parceiros de Mercosul, que sequer podem ser acusados de subsidiar a produção e/ou a exportação de leite e derivados.